

MESTRADO EM ARQUEOLOGIA

Furnas. A evolução do povoado e dos seus modos de construir

Carlos Daniel Bergantim Torres

M

2023



Carlos Daniel Bergantim Torres

Furnas. A evolução do povoado e dos seus modos de construir

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Arqueologia, orientada pelo(a)

Professor Doutor Francisco Manuel Velda Reimão Queiroga

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2023

“O meu maior vício é este amor crónico e este amor irracional e cego a esta ilha. Em tudo o que faço, em tudo o que penso, em tudo o que sinto, mesmo quando parto daqui (...), e quanto mais vou pelo mundo, mais tenho a ilha dentro de mim e mais me cumpro dentro dela. Só aqui me cumpro, só aqui me realizo, só aqui sou inteiro.”

Manuel Costa (diretor do museu dos Baleeiros) in Mal-Amanhados - Os Novos

Corsários das Ilhas

Sumário

Declaração de honra	6
Agradecimentos	7
Resumo.....	8
Abstract	9
Índice de Figuras	10
Introdução.....	13
1.Enquadramento Da Ilha De São Miguel	16
1.1. Enquadramento Geográfico-Administrativo	16
1.2. Enquadramento Geológico E Geomorfológico	17
1.3. Enquadramento Hidrológico	19
1.4. Povoamento	20
2.Arquitetura E Técnicas De Construção Açorianas.....	22
2.1. Influências.....	22
2.2. Materiais.....	23
2.3. Aspetos Transversais	24
2.4. Especificidades	26
2.4.1. São Miguel	26
2.4.2. Santa Maria.....	30
2.4.3. Terceira	32
2.4.4. Graciosa	33
2.4.5. Faial.....	35
2.4.6. Pico	36
2.4.7. São Jorge.....	37
2.4.8. Flores	39
2.4.9. Corvo.....	40
3.O Contexto do Modo de Construir nas Furnas	42
3.1. Enquadramentos das Furnas – Geográfico-Administrativo, Geomorfológico e Hidrológico	
42	
3.2. Povoamento: Desafios e Primeiros Anos	44
3.3. Evolução do Povoado	50
4.O Modo de Construir Furnense.....	54

4.1. Habitação.....	54
4.1.1. As Casas Rurais Furnenses – Introdução	54
4.1.2. Técnicas e Materiais de Construção	56
4.1.3. Tipologias Predominantes	57
4.2. Arquitetura de Apoio à Agricultura	61
4.3. Arquitetura Religiosa	63
4.4. O Aqueduto das Furnas	67
Considerações Finais	69
Referências Bibliográficas	71
Anexos.....	74

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Coimbra, 31 de julho de 2023

Carlos Daniel Bergantim Torres

Agradecimentos

Aos meus pais e à minha irmã, pela força e apoio constante sem que o Atlântico atrapalhasse. Também pelo sacrifício de me verem sair do ninho.

À minha tia, a grande impulsionadora do meu amor pelo passado, pelas dicas, ajudas, conversas ao lado de Mateus sobre como aqui chegámos e revisões constantes do que vai saindo dos dedos.

À minha avó, que me acendeu as velas em pedido ao Espírito Santo pelo meu sucesso sem reservas.

Ao meu padrinho, por ser o maior promotor e facilitador deste empreendimento.

Ao André, pelo companheirismo e amizade ao longo destes dois anos.

À minha Raquel, por todas as discussões e chatices, por todos os dias em que acreditou em mim mesmo quando só me apetecia desistir, por todos os dias em que me obrigou a trabalhar mesmo quando preferia ver séries ou simplesmente existir, por ser a minha rocha em mar alto, por me segurar no desespero, por tê-la.

Resumo

Os Açores, arquipélago português plantado no meio do mar, foram descobertos nas primeiras décadas de Quatrocentos. Desde então, os seus modos de construir, naturalmente, desenvolveram-se com base nos modelos vigentes então. No entanto, a particularidade do território moldou a tipologia habitacional, fazendo com que a mesma se adaptasse ao que havia. Nas Furnas aconteceu o mesmo, começando-se a construir humildes cafuas circulares de madeira e palha, acabando a construir-se casas complexas de dois pisos para albergar viajantes que às termas da freguesia se deslocavam. Marcada pela heterogeneidade construtiva, as Furnas representam um caso de estudo particularmente interessante devido ao seu povoamento tardio, que só acontece a partir de meados de Seiscentos.

Palavras-chave: Açores; Furnas; Habitação; Construção.

Abstract

The Azores, a Portuguese archipelago in the middle of the sea, were discovered in the first decades of the 15th century. Since then, its building methods have naturally developed based on the models in force at the time. However, the particularity of the territory moulded the housing typology, making it adapt to what was available. The same happened in Furnas, where humble circular wooden and straw huts were first built and complex two-storey houses were eventually built to house travellers to the parish's thermal baths. Marked by constructive heterogeneity, Furnas represents a particularly interesting case study due to its late settlement, which only took place from the mid-17th century onwards.

Key-words: Azores; Furnas; Housing; Building.

Índice de Figuras

FIGURA 1: DIVISÃO ADMINISTRATIVA DA ILHA DE SÃO MIGUEL. FONTE: GRA, 2021: 25.	17
FIGURA 2: UNIDADES GEOMORFOLÓGICAS DA ILHA DE SÃO MIGUEL. FONTE: GRA, 2021: 52.	19
FIGURA 3: CARTA HIDROGRÁFICA DA ILHA DE SÃO MIGUEL. FONTE: GRA, 2021: 66.....	20
FIGURA 4: FREGUESIA DAS SETE CIDADES. FONTE: GOOGLE IMAGENS.	21
FIGURA 5: VISTA AÉREA DO TRAÇADO DA FREGUESIA DAS FURNAS. FONTE: GOOGLE EARTH.	43
FIGURA 6: GRANEL ABERTO DAS FURNAS. FONTE: CALDAS, 2007: 176.....	62
FIGURA 7: MOINHO DE ÁGUA DAS FURNAS. FONTE: GOOGLE IMAGENS.....	62
FIGURA 8: IGREJA DE SANTA ANA. FONTE: GOOGLE IMAGENS.....	63
FIGURA 9: IGREJA NOVA, FURNAS. FONTE: GOOGLE IMAGENS.	64
FIGURA 10: PORMENOR DO PORTAL DE ENTRADA DA IGREJA NOVA, FURNAS. FONTE: GOOGLE EARTH.....	65
FIGURA 11: CAPELA DE NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS, LAGOA DAS FURNAS. A PLANTA CRUCIFORME, OS CONTRAFORTES, OS PINÁCULOS E A COR MAIS AVERMELHADA SÃO BEM VISÍVEIS NESTA FOTOGRAFIA. À SUA DIREITA VÊM-SE DOIS EDIFÍCIOS: O PRIMEIRO É UMA CASA ACHALEZADA, E O SEGUNDO UM VERDADEIRO CHALÉ. FONTE: GOOGLE IMAGENS.	66
FIGURA 12. ALTAR DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS, DESTACANDO-SE OS VITRAIS. FONTE: GOOGLE IMAGENS.	66
FIGURA 13: AQUEDUTO DAS FURNAS. FONTE: GOOGLE IMAGENS.	67
FIGURA 14: CASA DO ENGENHO DO AQUEDUTO DAS FURNAS. FONTE: GOOGLE IMAGENS	68
FIGURA 15: CASA COM COBERTURA DE PALHA, CANDELÁRIA, SÃO MIGUEL.FONTE: CALDAS, 2007: 127. ...	74
FIGURA 16: CASA COM AS ÁGUAS PARALELAS À FACHADA, SETE CIDADES, SÃO MIGUEL. FONTE: CALDAS, 2007: 128.....	74
FIGURA 17: CASA DE EMPENA-FACHADA, SETE CIDADES, SÃO MIGUEL.FONTE: CALDAS, 2007: 131.	75
FIGURA 18: AS CASAS MAIS COMUNS NA ZONA CENTRAL DE SÃO MIGUEL: O CASO DOS ARRIFES.FONTE: CALDAS, 2007: 140.....	75
FIGURA 19: CASA COM COZINHA DISSOCIADA, NORDESTE, SÃO MIGUEL.FONTE: CALDAS, 2007: 145.	76
FIGURA 20: CASA INTEGRADA DOBRADA, ACHADA, SÃO MIGUEL.FONTE: CALDAS, 2007: 150.....	76
FIGURA 21: CASA COM PASSAGEM EM ARCO, SANTO ANTÓNIO NORDESTINHO, SÃO MIGUEL. FONTE: CALDAS 2007: 148.....	77
FIGURA 22: CASA COM ALPENDRE, ÁGUA RETORTA, SÃO MIGUEL. FONTE: CALDAS, 2007: 147.....	77
FIGURA 23: CASA COM PÁTIO, LOMBA DA PEDREIRA, SÃO MIGUEL. FONTE: CALDAS, 2007: 146.	78
FIGURA 24: CASA SALOIA DE SANTA MARIA, ALMAGREIRA, SANTA MARIA. FONTE: CALDAS, 2007: 55.....	78

FIGURA 25: CASA TÍPICA DE SANTA MARIA. FONTE: GOOGLE IMAGENS.....	79
FIGURA 26: CHAMINÉ DE MÃOS POSTAS, AGUALVA, TERCEIRA. FONTE: CALDAS, 2007: 219.....	79
FIGURA 27: CASA LINEAR, SÃO BRÁS, TERCEIRA. FONTE: CALDAS, 2007: 226.	80
FIGURA 28: CASA INTEGRADA, SERRETA, TERCEIRA. FONTE: CALDAS, 2007: 234.	80
FIGURA 29: CASA LINEAR GEMINADA, DORES, GRACIOSA. FONTE: CALDAS, 2007: 290.....	81
FIGURA 30: CASA LINEAR COM DOIS PISOS, CASTELO BRANCO, FAIAL. FONTE: CALDAS, 2007: 452.	81
FIGURA 31: CASA LINEAR COM FALSA, FETEIRA, FAIAL. FONTE: CALDAS, 2007: 451.	82
FIGURA 32: CASA COM COZINHA SEPARADA, SILVEIRA, PICO. FONTE: CALDAS, 2007: 388.	82
FIGURA 33: CASA COM A COZINHA LIGADA POR MEIA-ÁGUA, PRAINHA DE CIMA, PICO. FONTE: CALDAS, 2007: 390.....	83
FIGURA 34: CASA COM A COZINHA ENCOSTADA, EM "L", TERRA DO PÃO, PICO. FONTE: CALDAS, 2007: 392.	83
FIGURA 35: CASA LINEAR PICAROTA, SANTA LUZIA, PICO. FONTE: CALDAS, 2007: 394.	84
FIGURA 36: CASA COM COZINHA SOBRELEVADA, SÃO JOÃO, PICO. FONTE: CALDAS, 2007: 396.	84
FIGURA 37: CAFUA NA FAJÃ DO MERO, SÃO JORGE. FONTE: MARQUES, 2013: 31.....	85
FIGURA 38: CHALET NA URZELINA, SÃO JORGE. FONTE: CALDAS, 2007: 348.....	85
FIGURA 39: CASA COM COZINHA ALTEADA. QUEIMADA, SÃO JORGE. FONTE: CALDAS, 2007: 339.....	86
FIGURA 40: CASA DE PLANTA COMPLEXA, FAJÃZINHA, FLORES. FONTE: CALDAS, 2007: 512.....	86
FIGURA 41: CASA COM MEIA-ÁGUA, LAJES, FLORES. FONTE: CALDAS, 2007: 508.	87
FIGURA 42: CASA COM COZINHA ENCOSTADA, CORVO. CALDAS, 2007: 532.	87
FIGURA 43: CASA COM CONSTRUÇÃO SOBRE A COZINHA, CORVO. FONTE: CALDAS, 2007: 536.	88
FIGURA 44: "CHALÉ" LOCALIZADO NA MARGEM DA LAGOA DAS FURNAS. NOTE-SE, APESAR DA DIFERENÇA DECORATIVA PARA COM OUTROS TIPOS DE HABITAÇÃO, UMA MISTURA ENTRE A CASA LINEAR COM PLANTA EM "L" E AS INFLUÊNCIAS EUROPEIAS PRESENTES NO "CHALÉ". FONTE: GOOGLE IMAGENS	88
FIGURA 45: RUA DA ÁGUA QUENTE, FURNAS. NOTE-SE A SUCESSÃO DAS DIVERSAS TIPOLOGIAS. FONTE: GOOGLE EARTH.....	89
FIGURA 46: RUA DA ÁGUA QUENTE, FURNAS. CASA "ACHALEZADA". FONTE: GOOGLE EARTH.....	90
FIGURA 47: NOVO EXEMPLO DE CASA "ACHALEZADA", DESTA VEZ EM EMPENA-FACHADA. FURNAS. FONTE: GOOGLE EARTH	91
FIGURA 48: CASA "ACHALEZADA" DE DOIS ANDARES COM PÁTIO E TERRAÇO SOBRELEVADO, FURNAS. FONTE: GOOGLE EARTH.....	92
FIGURA 49: CASA "ACHALEZADA" DE ÁGUAS PARALELAS À FACHADA JANELA-PORTA-JANELA, FURNAS. FONTE: GOOGLE EARTH.....	93

FIGURA 50: SUCESSÃO DE CASAS COMPLEXAS DE DOIS ANDARES JUNTO AO PARQUE TERRA NOSTRA, FURNAS. FONTE: GOOGLE EARTH.....	94
FIGURA 51: CASAS INTEGRADAS DOBRADAS, COM QUINTAL E ÁRVORES, À SEMELHANÇA DOS AGREGADOS RURAIS INICIAIS, FURNAS. FONTE: GOOGLE EARTH.....	94
FIGURA 52: CASA INTEGRADA DOBRADA, EM PIOR ESTADO DE CONSERVAÇÃO, FURNAS. FONTE: GOOGLE EARTH.....	95

Introdução

Açores, terra de vales e lagoas, tremores e vulcões. Território e população forjados a lume e a terramotos, para sempre envoltos num mistério quanto ao porquê da sua existência.

Talvez pelo mistério inerente ao território, talvez por simples desconhecimento, a sua história é, muitas vezes, esquecida no cômputo nacional. Por de lá ser, e por concordar que há uma clara falta de estudos académicos sobre as Ilhas de Bruma, decidi realizar a minha dissertação de mestrado sobre o meu berço.

Certo da falta de oportunidades de arqueologia tradicional na ilha, optei por um tema mais adequado ao território e igualmente de alta importância para o mesmo: os modos de construir. Extremamente ricas no que às construções diz respeito, chegando a haver variações de tipologia dentro do mesmo povoado, elaborar uma dissertação geral sobre todo o arquipélago seria hercúleo, pelo que optei por focar o meu estudo numa freguesia: as Furnas.

A escolha justifica-se de forma muito simples e rápida: o seu modelo de ocupação é um de dois nas ilhas, sendo o mais tardio entre eles. Enquanto a maior parte dos povoados micaelenses se fixaram no litoral, ficando o interior, mais inacessível e difícil de desbravar, destinado a campos e lagoas, a freguesia das Furnas foi estabelecida e desenvolveu-se no interior da ilha, no íntimo de uma cratera vulcânica.

Outro motivo para esta escolha foi a curiosidade que sempre tive pela freguesia. Diferente de todas as outras pelas suas fumarolas e termas, sempre me questioneei como tinha ido ali parar aquela gente, quem tinha olhado para aquele território e pensado que ali se poderia estabelecer, que ali poderia nascer um povoado.

Assim, no momento da escolha do tema da minha dissertação não houve grande debate interno sobre o território a investigar. Contudo, mesmo estando certo de querer estudar os modos de construir furnenses, a noção dos grandes obstáculos que são a distância e a falta de informação acessível online deixou-me, confesso, reticente. Ainda

agora, enquanto escrevo esta introdução, questiono-me a cada caractere se terá sido a escolha certa, se devia ter escolhido outra freguesia, outra região, outro tema...mas tal como muitos estrangeiros, comerciantes, cientistas e naturalistas, como Francis Masson , Vines, James Brown ou José do Canto se fascinaram por este vale com um povoado tão único e característico, também eu continuo deslumbrado com este estudo e, certamente, continuarei a investir em saber mais sobre um local que nos permite vivenciar um inverno nos Açores e um verão no vale das Furnas, como afirmou Thomas Hickling.

Com muita resiliência, com menor ou maior dificuldade, com livros digitalizados e enviados por correio eletrónico, com caixotes de livros, artigos e documentos enviados por familiares, que atravessaram o oceano e chegaram até mim, foi-me permitido a realização deste trabalho que se afigura como uma resenha simples e analítica do tema selecionado.

Assim, esta dissertação tem como objetivo inicial o estudo e a análise das construções açorianas, essencialmente habitacionais, passando-se para o estudo e análise das construções furnenses, com destaque para as habitações, edifícios de apoio à agricultura, edifícios religiosos e a análise de um aqueduto que abastece a mesma. Esta análise almeja verificar se existe algum modelo ou tipologia de construção transversal na freguesia, quais as suas influências e particularidades.

Estruturalmente, a dissertação divide-se em duas grandes partes: a contextualização e apresentação dos modos construir regionais e o caso Furnense em específico.

Após um enquadramento a nível geográfico-administrativo, geológico e geomorfológico, hidrológico e do povoamento, abordar-se-á, na primeira, as influências externas presentes nas construções do arquipélago, as características transversais das mesmas e quais as especificidades de cada ilha (também a nível da ocupação do território).

Na segunda parte, a referente ao caso Furnense, também será feita uma contextualização semelhante, enquadrando-se a freguesia ao nível geográfico-administrativo, geomorfológico e hidrológico. Detalhar-se-á, também, o processo do

povoamento, as suas dificuldades e evolução. Apresentar-se-á, ainda, a referida análise às construções da freguesia.

Por fim, serão apresentadas as conclusões a que se chegou durante a realização desta dissertação.

1. Enquadramento Da Ilha De São Miguel

1.1. Enquadramento Geográfico-Administrativo

O arquipélago dos Açores é um de dois arquipélagos portugueses, localizado em pleno Atlântico Norte. Os locais gostam de se referir a este conjunto de 9 ilhas como Ilhas de Bruma, testemunho do clima muitas vezes agreste que se faz notar, pautado essencialmente pela imprevisibilidade e por frequentes e espessos nevoeiros. É de origem vulcânica e integra a região da Macaronésia (conjuntamente com a Madeira, as Canárias e Cabo Verde).

A sua posição geoestratégica confere-lhe uma posição privilegiada no apoio das extensas linhas de comunicações atlânticas, bem como no controlo de um vasto espaço estratégico e económico. Localizando-se a cerca de 1500 km do continente português e 3900 km da América, cuja relação com as ilhas é histórica, comprovada pelas grandes comunidades de açorianos e dos seus descendentes tanto nos Estados Unidos, como no Canadá. Em área, o arquipélago atinge cerca de 2346 km², o que significa que representa cerca de 2% do território português.

No Grupo Oriental, a ilha de São Miguel, a maior do Arquipélago, ocupa uma área de cerca de 742 km², sendo também a mais populosa, conta com cerca de 133 mil habitantes (segundo os dados provisórios dos Censos de 2021) que se encontram divididos por seis concelhos: Nordeste, Povoação, Ribeira Grande, Vila Franca do Campo, Lagoa e Ponta Delgada.

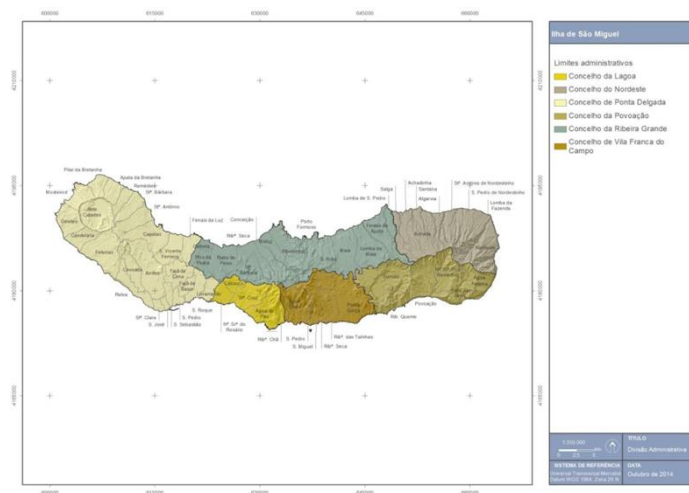


Figura 1: Divisão administrativa da ilha de São Miguel. Fonte: GRA, 2021: 25.

1.2. Enquadramento Geológico E Geomorfológico

A ilha de São Miguel acopla harmoniosamente oito unidades geomorfológicas principais: Maciço Vulcânico das Sete Cidades, Região dos Picos, Maciço Vulcânico da Serra de Água do Pau, Planalto da Achada das Furnas, Vulcão das Furnas, Vulcão da Povoação, Região da Tronqueira e do Nordeste e Plataforma Litoral do Norte (GRA, 2021: 43).

O Maciço Vulcânico das Sete Cidades, que se localiza na zona Oeste da ilha e tem como cota máxima 856 metros, apresenta como elemento principal a caldeira, onde se desenvolveram duas lagoas e uma freguesia homónima.

A Região dos Picos corresponde, como o nome indica, a um aglomerado de picos que se estendem entre o Maciço Vulcânico das Sete Cidades e o Maciço Vulcânico da Serra de Água de Pau. É a zona mais recente da ilha a nível geológico, tendo o seu surgimento unido estes dois maciços e transformando-os numa só ilha. Esta é, também, a zona mais plana de São Miguel, sendo a área na qual se desenvolve o povoamento mais interior e os principais aglomerados.

O Maciço Vulcânico da Serra de Água de Pau é composto, essencialmente, pelo Vulcão do Fogo, com uma cota máxima 949 metros. Deste vulcão destaca-se a lagoa homónima desenvolvida na sua cratera. É neste maciço que se explora um reservatório geotérmico, situado a cerca de 800 m de profundidade. Ali, também, se podem

encontrar diversos cursos de água, destacando-se a utilização da Lagoa do Fogo como reservatório de água.

O Planalto da Achada das Furnas faz a ligação entre o Maciço Vulcânico da Serra de Água de Pau e o Vulcão das Furnas, caracterizando-se, como o nome indica, por ser uma zona de planalto, cuja cota se situa entre os 400 e 500 metros. Neste planalto destaca-se a existência do cone vulcânico que deu origem à extasiante Lagoa do Congro.

O Vulcão das Furnas destaca-se por ser uma das unidades mais ativas do arquipélago, destacando-se a existência de fumarolas no centro da freguesia homónima que lá se estabeleceu e nas margens da lagoa existente na sua cratera.

O Vulcão da Povoação caracteriza-se por uma cratera semicircular e que se assume como o responsável pela criação de um fenómeno de povoamento muito particular e disperso, presente nas Lombas da Povoação.

A Região da Tronqueira e do Nordeste caracteriza-se pela existência do ponto mais alto da ilha, o Pico da Vara, com cerca de 1105 metros. É a região mais oriental da ilha, onde se podem encontrar enormes extensões de floresta laurissilva, devido ao relevo bastante acidentado que possui.

Por fim, o Planalto Litoral Norte é caracterizado pela presença de plataformas relativamente baixas e derivadas da atividade dos maciços vulcânicos que o rodeiam, nomeadamente o da Serra de Água de Pau, os vulcões das Furnas e da Povoação, e a região da Tronqueira e do Nordeste.

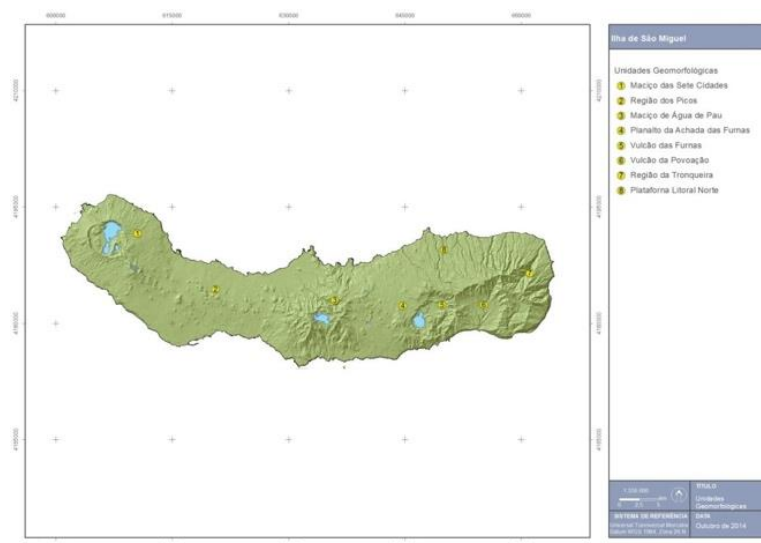


Figura 2: Unidades Geomorfológicas da Ilha de São Miguel. Fonte: GRA, 2021: 52.

1.3. Enquadramento Hidrológico

Neste aspeto destaca-se o facto de se verificar uma forte ausência de recursos hídricos na zona que sensivelmente diz respeito à Região dos Picos, justificado pelo facto de esta ser a parte da ilha com o solo mais jovem da ilha, que é altamente permeável.

No flanco oposto encontra-se o maciço das Sete Cidades, caracterizado por uma multiplicidade de pequenos cursos de água, chamados de “grotas” pelas populações. Estes cursos de água são sazonais, secando no verão e podendo abarrotar no outono/inverno, em resultado das chuvas frequentes e abundantes. No Maciço da Serra de Água de Pau destaca-se, no Sul deste, a Ribeira da Praia e, no Norte, um conjunto de cursos de água com caudal significativo que alimentam duas centrais hidroelétricas. No complexo das Furnas destaca-se a Ribeira Quente, curso de água, no qual desagüam grande parte dos cursos mais pequenos existentes na zona. No vulcão da Povoação destaca-se a ribeira homónima, para a qual convergem cursos de água significativos e responsáveis pela criação das já referidas Lombas da Povoação. Na região da Tronqueira, no Nordeste, destaca-se a Ribeira do Faial da Terra, curso com caudal permanente e dependente de cheias periódicas, e a Ribeira do Guilherme, maior curso de água da ilha.

Por fim, no planalto litoral norte destacam-se as ribeiras da Salga, Seca e Funda, formando lombas semelhantes às existentes na zona da Povoação (GRA, 2021: 66 e 67).

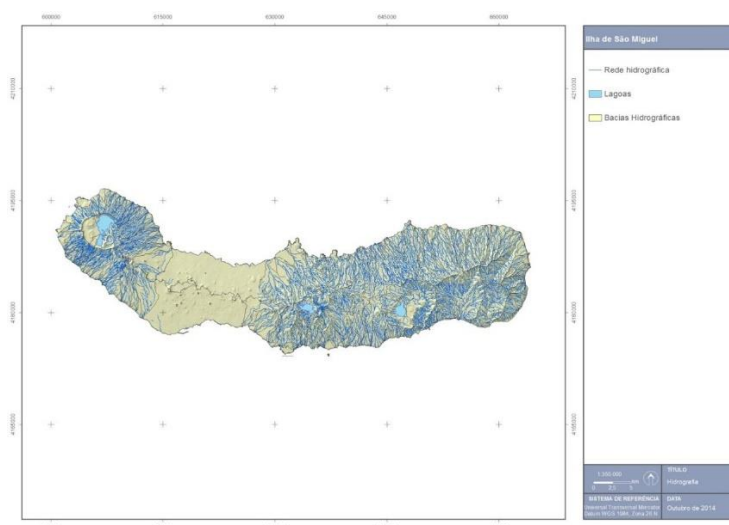


Figura 3: Carta Hidrográfica da Ilha de São Miguel. Fonte: GRA, 2021: 66.

1.4. Povoamento

São Miguel foi a segunda ilha do arquipélago a ser descoberta e também a ser povoada, depois de Santa Maria.

O povoamento começou pela zona da Povoação, no extremo sudeste da ilha, sendo a zona abrigada mais próxima da ilha de Santa Maria.

Após se aperceberem do terreno acidentado desta zona e das dificuldades que o mesmo importaria numa tentativa de povoamento do interior, seguiu-se a fundação de outras localidades ao longo de toda a costa micaelense. Efetivamente, uma destas povoações acabaria por suplantar a Povoação como a mais importante da ilha. Esta povoação dá pelo nome de Vila Franca do Campo e subiu de importância muito devido ao bom porto natural que possuía. Contudo, no ano 1522 desencadeou-se uma forte erupção vulcânica que acabou por soterrar, quase por completa, esta vila. Com este desastre, é a vez de Ponta Delgada se assumir como a principal povoação da ilha, muito

por culpa de se localizar numa das mais férteis zonas da ilha. Cresce progressivamente de importância até ser elevada a cidade, em 1546 (CALDAS, 2007: 88).

Segundo Gaspar Frutuoso na sua obra “Saudades da Terra”, livro IV, todos os lugares principais hoje habitados já o eram no século XVI, excetuando-se as Furnas.

As povoações são fundadas essencialmente no litoral, mesmo que nem sempre à beira-mar, devido às acentuadas e íngremes arribas da costa micaelense. Assim, grande parte das povoações acabaram por se estabelecer em plataformas relativamente planas entre a costa e a montanha, nas já referidas achadas, lombas ou pontas.

O povoamento interior é raro, ocorrendo na região dos Picos, em freguesias como o Pico da Pedra ou Arrifes. É nesta zona, também, que se estabelece o maior e mais importante centro urbano micaelense: Ponta Delgada.

Casos como as freguesias das Sete Cidades ou das Furnas são casos muito específicos de povoamento interior, uma vez que acabaram por se instalar nas crateras dos respetivos vulcões.



Figura 4: Freguesia das Sete Cidades. Fonte: Google Imagens.

2. Arquitetura E Técnicas De Construção Açorianas

2.1. Influências

Apesar de não se conhecer a proveniência exata dos povoadores do arquipélago açoriano, é sabido que vieram um pouco de todo o território nacional. É de notar, ainda, a existência de povoadores estrangeiros, destacando-se os franceses em São Miguel, atestado pela existência de uma freguesia chamada Bretanha na ilha, e dos belgas no Faial, atestado pela existência de uma freguesia chamada Flamengos na ilha.

É, assim, natural que se identifiquem semelhanças entre as habitações açorianas e as de determinadas zonas do continente português. Alguns autores sugeriram paralelismos entre as habitações açorianas e as de determinados pontos do continente português, tais como as de Santa Maria com as do Algarve (casas pequenas, de um só piso, caiadas e decoradas com faixas coloridas), as de São Miguel com as do Alentejo (essencialmente devido à presença das grandes chaminés), as do Pico com as do Norte do País (geralmente com dois pisos, com pedra à vista) e a organização das do Corvo com as aldeias transmontanas (principalmente devido ao povoamento bastante cerrado). Contudo, estas comparações não podem ser aceites como prova irrefutável da proveniência dos povoadores, tendo em conta a variabilidade existente nas habitações (sendo disto exemplo o facto de as chaminés micaelenses assumirem diferentes formas e tamanhos), mesmo que as mesmas sejam semelhantes a tipologias continentais. Segundo a obra *Arquitetura Popular dos Açores*, a única casa que é reproduzida nas Ilhas de Bruma, seguindo a tipologia original, são as casas torreadas saloias dos arredores de Lisboa, presentes apenas em Santa Maria (CALDAS, 2007: 25 e 26).

Assim, e apesar de ser natural a existência de influências das habitações continentais no arquipélago, as açorianas caracterizam-se por serem um misto entre estas mesmas influências e a originalidade quase que obrigatória resultante das condições singulares presentes, não só no que aos materiais diz respeito, como também à sucessiva adaptação às intempéries recorrentemente sofridas pelos açorianos ao

longo dos tempos (como sismos, episódios de vulcanismo ou mesmo ataques de piratas e corsários).

2.2. Materiais

Tendo em conta as limitações geográficas inerentes à condição insular, os materiais utilizados nas construções, inicialmente, autóctones. As pedras seriam vulcânicas, as madeiras seriam endémicas, a palha inicialmente utilizada para os telhados seria de origem local, a telha seria fabricada localmente.

A pedra mais comumente utilizada era, naturalmente, de origem vulcânica, destacando-se, por larga margem, o basalto. Contudo, dada a dificuldade de ser talhado, trabalhado, em algumas ilhas, como no caso de São Jorge, encontrar-se-iam rochas alternativas, como o tufo, uma rocha, também de origem vulcânica, mais fácil de trabalhar (MARQUES, 2013: 30).

Tendo sido, ao que tudo indica, os primeiros a chegarem aos Açores, os portugueses depararam-se com um território ocupado por densas matas e arvoredos. Destacavam-se as florestas de *Myrica Faya* (faia das ilhas) e a Laurissilva (mais arbustiva e menos variada quando comparada com outros arquipélagos da Macaronésia; também é conhecida como floresta louro-cedro) (LEITE, 2019: 19).

Duas espécies endémicas, mas que não fazem parte da floresta Laurissilva, de importante relevância são o vinhático e o pau-branco, extintos em algumas ilhas devido à sua utilização muito intensa. Nas espécies não endémicas destaca-se a criptoméria (*cryptomeria japonica*), muito utilizada pela indústria madeireira (LEITE, 2019: 19).

No que à palha concerne, era muito utilizada, no início do povoamento, como cobertura das habitações. Até ao século passado, ainda, era possível encontrar casas com cobertura de palha, sendo, contudo, raras. É de realçar a ausência de vestígios da sua utilização na ilha de Santa Maria, conhecida pelo seu barro de qualidade, produzindo as suas próprias telhas (CALDAS, 2007: 25).

Por fim, a telha. Destacava-se a teia em meia-cana para as coberturas, havendo produção em diversas ilhas, como Graciosa e São Jorge, para além da já referida telha mariense.

2.3. Aspetos Transversais

Ao contrário do que se verifica nas aldeias continentais, as povoações rurais açorianas destacam-se pela existência de um amplo espaço virgem aquando do seu estabelecimento, sendo a sua disposição espacial descontínua, isto é, na maior parte dos casos construíram-se dispersas umas das outras. Muitas vezes essa descontinuidade pode ser explicada pela preferência dada ao erigir da habitação junto ao terreno agrícola, sendo ainda possível, hoje em dia, ver ruínas deste género um pouco por todas as ilhas.

No que à planta concerne, num cômputo geral, denota-se uma rigidez geométrica presente por todo o arquipélago, sendo simples e aplicada repetitivamente. As habitações são sistematicamente construídas, tendo por base as rochas vulcânicas disponíveis, sendo inicialmente em pedra seca. Deste estilo, ainda, resistem algumas habitações, embora se encontrem em estados de degradação muito avançados.

A cobertura, geralmente, caracteriza-se por ser simples, pouco inclinada e apoiada numa estrutura de madeira rudimentar, sendo inicialmente de palha e posteriormente de telha em meia-cana (CALDAS, 2007: 24). Há, contudo, uma variação da cobertura, mais complexa, muito comum por todo o arquipélago, onde se constrói um falso segundo piso, indetetável do exterior, denominado de falsa (ou sótão). Esta falsa ocupa, normalmente, metade da cobertura, servindo de quarto para as crianças que habitavam a casa.

Em todo o arquipélago podem ser identificados três tipos genéricos de habitação, divergindo entre si essencialmente pela forma como o espaço interior se encontrava organizado:

– A casa com cozinha dissociada, fisicamente separada, muitas vezes contígua à habitação e unida a esta por um telheiro ou alpendre, mas sem ligação interior.

– A casa linear, cujos compartimentos se sucedem-se em linha, podendo ser reta ou em “L”, ficando a cozinha e o respetivo forno num dos extremos.

– A casa integrada, frequentemente simétrica, ficando a cozinha englobada na volumetria geral da habitação, de onde se destacava apenas o forno com a sua chaminé.

Podemos, então, concluir que um dos aspetos mais importantes na organização do espaço interior da habitação açoriana seria a localização da cozinha e do forno, que se assumiam como elementos onnipresentes. Todas as casas teriam uma cozinha com um forno, fosse no exterior ou no interior das mesmas. Contudo, não é possível identificar uma correspondência exata entre o tipo de cozinha/forno e o tipo de casa onde se encontram instalados, sendo a escolha muitas vezes aleatória, com formas e dimensões muito variadas. O único ponto em comum e indispensável em todos os tipos é a localização da chamada “boca do forno”, que encontrava sempre voltada para o interior da cozinha e nunca para o seu exterior.

A chaminé associada ao forno é, em ilhas como Santa Maria, Graciosa e Terceira, implementada, seguindo tipologias semelhantes e repetitivas, mas o mesmo não se verifica em muitas das outras ilhas, onde se pode mudar a forma da chaminé, do forno e as posições que ocupam.

No que toca às divisões dos espaços interiores, as mesmas eram, geralmente, em tabique (paredes feitas com grade de madeira delgada ou estreita, cujos vãos se enchiam de argamassa) ou em simples frontais de madeira, nunca ultrapassando a altura da parede exterior. O revestimento das paredes, interiores ou exteriores, quando existia, era feito de reboco de barro, resistindo, hoje, alguns exemplares um pouco por todo o arquipélago. A frequência da sua utilização decaiu com a introdução de argamassas mais modernas, feitas com cimento. Pressupõe-se, contudo, que mantenham a de barro nas juntas de assentamento da pedra, sendo que o interior das paredes das habitações mais antigas não terá sido intervencionado.

2.4. Especificidades

2.4.1. São Miguel

Localizada no Grupo Oriental, a ilha de São Miguel é a maior do Arquipélago com uma área de cerca de 752 km², sendo também a mais populosa, contando com cerca de 133 mil habitantes que se encontram distribuídos por seis concelhos: Nordeste, Povoação, Ribeira Grande, Vila Franca do Campo, Lagoa e Ponta Delgada.

Morfologicamente, o seu lado oeste destaca-se pela presença dos complexos vulcânicos das Sete Cidades e dos Picos. Este segundo caracteriza-se por um relevo mais suave, sendo aqui que se desenvolve um povoamento mais denso e onde se encontram as principais cidades, vilas e freguesias da ilha (é, também, a zona onde se verifica uma ocupação mais interior, algo pouco comum nos Açores). Na zona central da ilha encontra-se o Complexo Vulcânico do Fogo, que acaba por ser uma zona de transição entre a parte mais plana da ilha e a mais montanhosa, que é a zona este, onde se encontram três grandes complexos vulcânicos: o das Furnas, o da Povoação e o do Nordeste. É, também, a zona menos povoada da ilha, devido, em grande parte, ao carácter bastante montanhoso da área. Então, e de um modo geral, o povoamento micaelense caracteriza-se por ter ocorrido no litoral de toda a ilha, sendo efetuado ou em plataformas relativamente planas entre a montanha e a falésia, ou na encosta das montanhas, ou mesmo junto ao mar.

Sendo a ilha com mais habitantes, é também aqui que se verifica a existência de núcleos urbanos mais coesos e densamente povoados, onde as habitações se encontram frequentemente encostadas umas às outras, algo que não se verifica nos espaços rurais.

Passando ao espaço rural, mas antes de se abordar as habitações, é notória a influência humana na transformação da paisagem. O que outrora seriam grandes extensões de floresta, hoje são vastos campos agrícolas. Nestes destacam-se as divisórias, muitas vezes feitas por muros de pedra vulcânica sem argamassa, por arbustos e/ou canaviais.

Identificaram-se anteriormente três grandes zonas em São Miguel quanto ao seu relevo: a zona oeste, a zona central e a zona este. Esta divisão transita para a organização dos povoados e, conseqüentemente, das habitações. Na zona oeste, a ocupação caracteriza-se por ser feita quase exclusivamente através de pequenas casas, geralmente distantes umas das outras. Na zona central destaca-se a ocupação “lote a lote”, com as habitações encostadas umas às outras. Por fim, a zona este acaba por ser uma fusão de vários elementos das outras duas zonas da ilha (CALDAS, 2007: 118 e 119).

Apesar de existirem várias diferenças entre as zonas, há alguns aspetos que se podem observar em toda a área de São Miguel, de entre os quais se destaca a quase onnipresença da falsa nas casas mais humildes. Dando-se primazia à economia do espaço e ao conseqüente aproveitamento de cada centímetro quadrado possível, muito por culpa da ocupação destas habitações de pequenas dimensões por famílias numerosas, a falsa surgiu como uma solução para se rentabilizar espaço útil habitável. É, essencialmente, um falso segundo piso que geralmente não altera as dimensões exteriores da habitação e passa um pouco despercebido, mas não deixa de lá estar. É neste espaço que as famílias albergam os numerosos filhos, à qual se acede pelo interior da habitação e através de uma escada geralmente feita em madeira, que cria uma espécie de vão, também este aproveitado como lugar para arrumos. A sua presença é mais escassa na zona este, principalmente no Nordeste (CALDAS, 2007: 120).

A Zona Oeste

Como já referido, é nesta zona que se encontra o modelo de ocupação caracterizado por um isolamento da habitação, que pode ser significativo ou não, dependendo do relevo onde o povoado está instalado. Nesta zona, as construções de apoio à agricultura, como os granéis, não se encontram acoplados à habitação, mas estão, sim, instalados no quintal adjacente às mesmas (CALDAS, 2007: 126).

É nesta zona onde se encontram mais vestígios de casas com cobertura de palha, que se caracterizavam essencialmente por um telhado de tamanho bastante reduzido e com grande inclinação das águas.

No que à habitação propriamente dita concerne, podem ser identificados dois grandes modelos: a casa com as águas paralelas à fachada e as casas de empena-fachada ou abarracadas. A principal diferença entre estes dois modelos está na posição das águas em relação à fachada, sendo paralelas no primeiro e perpendiculares no segundo. A nível da organização interior, contudo, nada muda entre os dois modelos, sendo caracterizada pelo corredor central a separar, através de tabiques, o quarto da cozinha e pela cobertura de duas águas assente nas paredes exteriores, de pedra (CALDAS, 2007: 126 e 127).

O primeiro modelo caracteriza-se pela fachada do tipo janela-porta-janela, estando a cozinha, juntamente com o forno e respetiva chaminé, na parte lateral da habitação ou nas suas traseiras. Está sempre acompanhado pela falsa e pelo granel, instalado no quintal. O segundo modelo caracteriza-se pelo facto de todas as aberturas se encontrarem na fachada geralmente simétrica das habitações, que têm todas, geralmente, as mesmas dimensões, sendo a falsa, também, sempre presente. Estes modelos, apesar de mais comuns nesta zona da ilha, também se manifestam, embora mais pontualmente, noutros pontos da mesma (CALDAS, 2007: 126-139).

A Zona Central

É nesta zona que se propaga a construção das habitações encostadas umas às outras ao longo de grandes arruamentos, sendo patente a dicotomia rua-traseiras no quotidiano das populações. A cozinha encontra-se integrada na habitação e os elementos de apoio ao trabalho agrícola encontram-se, também, nas traseiras. A variante mais comum são as casas de apenas um piso, com fachada janela-porta-janela virada para a rua, com a qual se tem uma relação de grande afinidade, como é demonstrado pela existência, em algumas freguesias, de uma cancela na porta principal.

A falsa continua presente na generalidade das habitações. Nesta zona destaca-se como peculiar a freguesia dos Arrifes, pertencente ao concelho de Ponta Delgada e localizada mais no interior, cuja ocupação do espaço se caracteriza por extensas ruas ladeadas de casas lineares, mas com a fachada perpendiculares ao traçado da rua. Esta

organização é um caso excecional na ilha, sendo encontrado, apenas, pontualmente noutras freguesias. Estas habitações peculiares são geralmente de apenas um piso e assemelham-se a paralelepípedos (CALDAS, 2007: 134-143).

A Zona Este

Apesar de ser a zona menos povoada, é nela que se encontra uma maior variabilidade de tipos de ocupação do território e de habitações. Isto pode ser explicado, em grande parte, pela dificuldade de comunicação entre os povoados quando comparado com as outras duas zonas, essencialmente devido ao terreno mais montanhoso característico desta zona.

Tendo em conta esta variabilidade, podem-se identificar três subzonas: a norte (com uma ocupação mista, que combina as casas encostadas umas às outras com as isoladas), a este (que se caracteriza pela propagação de casas do tipo dissociado) e a Sul (regressam as casas encostadas umas às outras, existindo muitas vezes a casa dissociada e pátios) (CALDAS, 2007: 144).

Dentro destas subzonas, destacam-se os seguintes tipos de casa (CALDAS, 2007: 144-151):

- Casa com cozinha separada.
- Casa com pátio, composta por dois volumes perpendiculares, sem ligação entre si, formando um pequeno pátio virado para a rua.
- Casa com alpendre, com a cozinha é perpendicular ao corpo dos quartos e a ligação com o mesmo é exterior, sendo abrigada pelos alpendres.
- Casa com cozinha perpendicular e passagem em arco, havendo sempre um pátio neste tipo, ao qual se acede através de uma passagem em arco diretamente ligada à rua, estando a cozinha localizada perpendicularmente ao corpo dos quartos.
- Casa integrada, muitas vezes dobrada, isto é, com os comportamentos paralelos e coberturas diferentes para os mesmos, ficando a cozinha no compartimento das traseiras.

Apesar destes elementos diferenciadores, há alguns aspetos em comum a todos estes tipos, nomeadamente no que diz respeito à cozinha. Não existindo, na maior parte das habitações, chaminé, o fumo tem de ser escoado através do telhado. Isto faz com que se assista à separação sistemática da cozinha do corpo dos quartos, podendo estar completamente desligada da habitação ou encostada à mesma (CALDAS, 2007: 144).

2.4.2. Santa Maria

Esta é a ilha mais antiga do arquipélago, fale-se em idade geológica ou de conhecimento e descoberta pelos portugueses. É uma das menos povoadas do arquipélago e tem apenas um concelho, Vila do Porto, com cerca de 5408 habitantes, dispersos por uma área de cerca de 97 km².

O seu povoamento iniciou-se pelo litoral, privilegiando-se zonas de enseada e de fácil acesso através do mar, sendo a sua costa bastante acidentada. O povoamento interior acabou por ser o passo que se seguiu, tendo em conta o teor relativamente plano dessa parte da ilha.

A habitação mariense é relativamente homogénea, facto que pode ser explicado pela pequenez do território, havendo também a hipótese dessa homogeneidade se dever ao povoamento da ilha por indivíduos oriundos de uma zona concreta do continente português. As habitações marienses caracterizam-se por ser, essencialmente, do tipo integrado, embora seja possível a existência de variações (CALDAS, 2007: 49). Essa homogeneidade está patente na transversalidade dos seguintes aspetos: telhado em quatro águas com armação em tesoura, a sistemática caiação das habitações e a aplicação de faixas coloridas ao longo dos limites das habitações e dos vãos das mesmas, sendo que as cores geralmente variam de freguesia para freguesia. São geralmente acompanhadas por construções de apoio à atividade agrícola que, apesar de próximas, nunca se encostam à habitação em si.

Existem, então, três grandes grupos de casa em Santa Maria (CALDAS, 2007: 53):

- “Casas mais antigas”.
- Modelo de síntese, mais característico.
- Casas mais modernas, isto é, com alterações recentes.

As casas mais antigas caracterizam-se pela cozinha se encontrar sempre num piso térreo, mesmo que a habitação possua dois pisos, possuindo ligação interna com o corpo dos quartos, mesmo quando se constitui como um corpo independente.

É aqui que se identifica o único tipo de habitação açoriana diretamente ligado a um tipo oriundo do continente: a casa torreada salaia, oriundo dos arredores de Lisboa. Estas habitações caracterizam-se por possuírem o torreão de dois pisos com cobertura em quatro águas, ao qual se encosta a cozinha de apenas um piso, muitas vezes isoladas de outras habitações. Encontra-se, também, uma variação deste tipo, caracterizada essencialmente por se alongar o torreão, ficando-se com uma casa mais alongada e com cozinha encostada (CALDAS, 2007: 54-56).

As casas do modelo de síntese, o mais característico da ilha, caracterizam-se por serem, geralmente, de dimensões reduzidas e com um volume unitário. A cozinha encontra-se sempre no mesmo piso dos quartos, seja ele superior ou inferior, o que obriga a um aproveitamento, e até criação, de desníveis de modo que a mesma assente diretamente no solo, mantendo-se, contudo, no ponto mais alto do lote.

Os telhados são em quatro águas que assentam nas paredes exteriores, sendo a fachada do tipo janela-porta-janela. Interiormente, as divisões são normalmente separadas por tabiques. É, ainda, comum a existência de meias-lojas, pisos térreos destinados ao apoio à agricultura e que geralmente ocupam metade da área do piso superior (CALDAS, 2007: 64 e 65).

Por fim, o grupo das casas mais modernas caracteriza-se por serem dobradas e com telhado em duas águas, não divergindo muito mais dos restantes aspetos dos outros dois grupos, à exceção de terem sofridos alterações mais recentes (CALDAS, 2007: 69).

2.4.3. Terceira

A Terceira assume-se como uma das mais importantes ilhas para a história do país, servindo como bastião do liberalismo contra o absolutismo durante a Guerra Civil Portuguesa e tendo sido o último território nacional a sucumbir ao domínio filipino.

Tem de área aproximadamente 402 km² e uma população de aproximadamente 53244 habitantes divididos por dois concelhos: Angra do Heroísmo (no qual se insere a cidade homónima, a segunda mais importante do arquipélago e Património Mundial da Unesco desde 1983) e Praia da Vitória.

Apesar de possuir uma orla costeira relativamente regular, o relevo terceirense não o é, caracterizando-se por ser bastante acidentado. O seu interior é despovoado, tendo o seu povoamento decorrido essencialmente no litoral. Tal como em São Miguel, os campos agrícolas são vastos e delimitados por muros de pedra vulcânica.

No que à habitação rural concerne, é importante destacar o sistema forno-chaminé, que no caso terceirense se caracteriza por ser um volume justaposto ao da habitação. Interiormente, a organização do forno é repetida um pouco por toda a ilha, divergindo apenas no volume exterior, que ou é arredondado ou é quadrangular. As chaminés, também, variam na sua forma, destacando-se duas variedades: a chaminé de mãos postas (em forma de cunha, com o topo achatado e com aberturas para escoamento do fumo) e a chaminé de duas grotas (em forma de pirâmide poligonal). Estes elementos acompanham o resto da habitação ao nível do acabamento, sendo caiados quando as habitações também o são (CALDAS, 2007: 218 e 219).

As habitações terceirenses apresentam uma relativa homogeneidade, comprovada pela já referida omnipresença do sistema forno-chaminé, pela cobertura de telhas de canudo e com beirais salientes, pela introdução de um falso beiral na água que se encontra virada para a rua, pela utilização generalizada da janela de verga curva com guilhotina de três folhas, pelo colorido das faixas da habitação (como em Santa Maria), pela presença de balcões com escadas para acesso à habitação, pelo afirmar do espaço de entrada da habitação como uma zona de estar e, por fim, pela pintura dos frontais

interiores, que dividiam os compartimentos interiores da habitação e se encontravam dissociados da cobertura (CALDAS, 2007: 220 e 221).

Apesar desta relativa homogeneidade, podemos identificar três tipos de habitação (CALDAS, 2007: 222-238):

- A casa linear, com os compartimentos em linha e a cozinha num dos extremos, cuja fachada é mais alongada, existindo nela duas portas.

- A casa integrada, em que a cozinha já se encontra incluída no volume da habitação; a planta é geralmente quadrangular e com organização em cruz (os dois compartimentos das traseiras são de dimensões superiores aos compartimentos que se encontram na frente da habitação, fazendo com que as divisórias dos mesmos formem uma cruz.

- A casa de planta complexa, quase sempre de dois pisos e com uma planta em “L”, conjuga elementos de influência urbana com elementos mais tradicionalmente rurais; possuem loja térrea sobre a qual se encontra o corpo habitacional, juntamente com a cozinha.

2.4.4. Graciosa

Estando localizada no centro do arquipélago, a Graciosa é a segunda ilha mais pequena do arquipélago, com uma área de aproximadamente 61 km² e cerca de 4091 habitantes distribuídos por apenas um concelho: Santa Cruz da Graciosa. É a mais plana do arquipélago, sem elevações que se destaquem, fazendo com que as chuvas não sejam em grande abundância, o que causa uma existência muito fraca de nascentes e cursos de água, e com que seja a ilha mais seca dos Açores.

O povoamento começou pelo lugar da Praia, por esta ser a zona de mais fácil acesso pelo mar, mas rapidamente se alastrou para o interior, possível devido ao carácter mais plano da ilha.

Apesar de partilhar a origem vulcânica com as restantes ilhas, a atividade sísmica tão característica das mesmas não se verificou na Graciosa desde a sua descoberta, o que, aliado ao isolamento, faz com que a habitação tenha evoluído muito pouco ao longo do tempo. Dois dos seus aspetos mais marcantes são a existência da chaminé de mãos postas (semelhante à terceirense) e o facto de a fachada não se encontrar voltada para a rua, mas sim a sua parede lateral, ou empena.

A nível do acabamento exterior, alterna-se entre a casa caiada e a casa com pedra à vista. Quando caiadas, as faixas da habitação são geralmente coloridas. Quando permanecem com a pedra à vista, os vãos da habitação possuem uma caiação irregular. A cobertura, quase sempre em duas águas (com uma água, em muitos casos, maior do que a outra) e em telha de canudo, assume uma função importante na recolha das águas pluviais, levando-a até à cisterna, omnipresente, o que mostra bem a falta de água no terreno (CALDAS, 2007: 279-281).

No interior da habitação, os compartimentos são divididos através de tabiques ou frontais de madeira, sendo as portas substituídas por cortinas. A chaminé e o forno também são omnipresentes na habitação graciosense, sendo geralmente volumes salientes da mesma (CALDAS, 2007: 282).

A nível da tipologia habitação, os três grandes tipos de habitação açoriana encontram-se presentes na ilha, destacando-se a predominância de habitações do tipo integrado. Encontram-se, ainda, algumas variações destes tipos, nomeadamente a casa de cozinha perpendicular, a casa linear geminada, as casas de alto e baixo e as casas de fachada tipo janela-porta-janela, que se destacam essencialmente por serem uma aglomeração de todos os tipos e por serem de construção mais recente (CALDAS, 2007: 284-299).

2.4.5. Faial

Sendo conhecida principalmente devido à recente erupção do vulcão dos Capelinhos, o Faial é uma ilha com uma área de aproximadamente 172 km² e conta com cerca de 14334 habitantes distribuídos por apenas um concelho: o da Horta. Apresenta um desenho relativamente simétrico e o seu relevo é marcado pela existência da Caldeira, testemunho do maior vulcão da ilha, que no seu ponto mais alto atinge cerca de 1043 metros, no centro da ilha.

O seu povoamento iniciou-se a partir do litoral, mas as povoações acabaram por se estabelecer, de modo geral, um pouco afastadas do mar, verificando-se ramificações de menores ou maiores dimensões para o interior, dependendo da zona da ilha. Há, contudo, um exemplo peculiar, que corresponde à freguesia dos Flamengos, instalada num vale do interior da ilha (CALDAS, 2007: 427-429).

No que à habitação rural diz respeito, são identificados dois grandes tipos na ilha do Faial: o da casa com cozinha encostada e o da casa linear (que possui diversas variações).

A casa com cozinha encostada caracteriza-se essencialmente por esta divisão se localizar nas traseiras da habitação, constituindo um corpo independente ao dos quartos e geralmente perpendicular a este, formando um “L”.

A casa linear é a que melhor se disseminou na ilha, destacando-se as variações como a casa linear com falsa e a casa linear de dois pisos, mas a mais comum é mesmo a casa linear simples ou térrea. As plantas são maioritariamente retangulares e, como já vimos que é regra, a cozinha apresenta-se num dos extremos. A fachada é caracterizada pela presença de quatro vãos, correspondentes a duas portas e duas janelas. O forno é, muitas vezes, exterior, podendo ou não possuir chaminé (CALDAS, 2007: 449-455).

Quanto aos acabamentos exteriores, as casas são rebocadas quando se encontram junto às áreas mais movimentadas, mantendo-se a robustez das casas de pedra vulcânica que permanece à vista em zonas mais isoladas (CALDAS, 2007: 448).

2.4.6. Pico

Apesar de ser a ilha mais nova a nível geológico, o Pico é também uma das mais impactantes dos Açores, muito por culpa da imponente montanha sua homónima, que é o ponto mais alto do país, com cerca de 2351 metros, e da forte presença da pedra vulcânica um pouco por toda a ilha, que lhe confere uma robustez significativa.

Tem uma área de aproximadamente 433 km², sendo a segunda maior neste aspeto, e conta com cerca de 13883 habitantes distribuídos por três concelhos: Madalena, São Roque do Pico e Lajes do Pico.

O seu povoamento é litoral, bastante disperso e, durante muito tempo, a comunicação entre populações por via marítima era muito importante, dado o terreno difícil e acidentado da ilha.

Esta dispersão leva a que não surjam tendências urbanas no Pico e é, também, responsável pelo facto de a habitação picarota ser das que melhor conserva os tipos de construção mais antigos. Nela tem grande importância a posição da cozinha, destacando-se os seguintes tipos de habitação (CALDAS, 2007: 382-399):

- Casa com cozinha separada, geralmente construída de maneira independente da habitação e de apenas um piso.
- Casa com cozinha ligada por meia-água, caracterizada pela pequena passagem entre os edifícios dos quartos e da cozinha, sendo a sua cobertura mais baixa em relação a estes e em apenas uma água; é feita em madeira ou alvenaria leve.
- Casa com cozinha encostada, a um nível geral perpendicularmente à habitação, podendo formar plantas em “L” ou em “T”, embora também possa ser paralela.
- Casa linear, semelhante a outras deste tipo no arquipélago, destacando-se pelo facto de ser quase sempre em dois pisos e pelos dois balcões independentes e com escada que eram responsáveis pelo acesso à habitação.

– Casa de cozinha sobrelevada, que é, essencialmente, uma variante do tipo anterior em que a cobertura da cozinha se apresenta mais alta que a do restante da habitação, podendo aparecer com as águas paralela ou perpendicularmente a esta.

Apesar destas variantes, há alguns elementos que se podem identificar em todas elas, tais como a predominância dos dois pisos (em grande parte sem comunicação interna entre eles, sendo o piso inferior a tão comum loja), das duas portas para o exterior (acesso feito através de balcões) e a presença sistemática da pedra vulcânica, outrora quase sempre à vista, hoje quase sempre caiada, embora se possa observar exemplares de ambos os acabamentos um pouco por toda a ilha (CALDAS, 2007: 382-385).

2.4.7. São Jorge

Antes de se abordar a habitação jorgense, é importante fazer uma breve referência à morfologia da ilha. A Ilha de São Jorge é uma das mais singulares ilhas açorianas, caracterizando-se pelos seus grandes declives e pelas escarpas muito altas que rodeiam uma espécie de planalto que se estende um pouco por todo o centro da ilha, de onde se destaca o Pico da Esperança, com 1053 metros.

Apesar de serem comuns noutras ilhas do arquipélago, as fajãs jorgenses atingem um número bastante elevado, ultrapassando as sete dezenas. Resultantes de derrocadas ocorridas nas escarpas ou de escoadas lávicas, as fajãs caracterizam-se por serem pedaços de terra plana junto ao mar e geralmente com potencial para cultivo (algumas são mesmo inacessíveis via automóvel). Posto isto, o povoamento da ilha foi, por assim dizer, dualista, uma vez que se dividiu entre a ocupação das fajãs e o planalto central já referido.

Inicialmente seriam habitações muito simples, com paredes feitas de estacaria de madeira assentes na própria terra ou em alicerces de pedra, sendo a cobertura de palha ou feno e bastante inclinada. Geralmente chamadas de “cafuas”, eram habitações

bastante humildes e restam-nos muitos poucos exemplares, sendo que a maioria dos que restam são usados como “palheiros” (MARQUES, 2013: 30).

Posteriormente impôs-se a casa com alvenaria de pedra, com ou sem reboco. Como as suas antecessoras, eram habitações simples, caracterizadas pelas paredes de pedra seca e sem aparelhamento. Nestas habitações a madeira era usada para demarcar as divisões e para o suporte da cobertura. A nível geral, possuíam apenas três divisões: o quarto de entrada, a cozinha e o quarto de cama. O pavimento era em terra batida e objeto de manutenções regulares (MARQUES, 2013: 31).

Eventual e naturalmente, principalmente devido à existência dos acentuados declives já mencionados, as casas com dois pisos foram-se afirmando aos poucos. A situação mais comum nesta, e mesmo nas outras ilhas, era restringir a frequência do piso superior aos humanos, estando o inferior reservado aos animais e ao armazenamento agrícola.

O nome dado a este piso inferior era o de “loja”. Normalmente os pisos não se conectavam no interior, pelo que o acesso ao piso superior era feito pelo exterior, através de escadas que culminariam num balcão em frente à porta principal. Estas escadas e balcão eram feitos essencialmente de pedra, sendo frequente que fossem rebocados e pintados (MARQUES, 2013: 34).

No ambiente rural jorgense desenvolveram-se três grandes tipos de casa (MARQUES, 2013: 36):

- Elementares, que poderiam ser lineares, mas o mais comum seria terem a cozinha dissociada.
- De planta complexa, geralmente com cozinha alteada, ou seja, mais alta do que o resto da habitação, e formando um “L”, normalmente com balcão e lojas térreas.
- De influência erudita, destacando-se as casas de modelo “chalet”.

Numa fase mais recente, a influência dos centros urbanos vem-se fazendo sentir no ambiente rural, essencialmente através da construção de grandes “casas nobres” ou solares. O maior contraste para com as casas mais características do ambiente rural

jorgense está na dimensão, enquanto os solares se estendiam por grandes áreas, incluindo por vezes belos jardins, os camponeses procuravam economizar ao máximo o espaço que utilizavam para construir a sua moradia (MARQUES, 2013: 36).

2.4.8. Flores

Por muitos considerada a mais bela ilha dos Açores, a ilha das Flores é a mais ocidental do arquipélago. Tem de área cerca de 141 km² e conta com cerca de 3428 habitantes distribuídos por dois concelhos: Lajes das Flores e Santa Cruz das Flores. Conhecida como a ilha das cascatas, o seu relevo é bastante acidentado, multiplicando-se as grandes ravinas e falésias.

O seu povoamento iniciou-se pelo litoral, aproveitando algumas plataformas mais baixas e de fácil acesso por via marítima. Contudo, ao contrário do que se vê noutras ilhas, não é um modelo de povoamento específico. O povoamento não é contínuo, nem é disperso. Não é paralelo ao litoral, nem se aventura pelo interior da ilha. É, sim, uma espécie de misto entre estas características.

A habitação florentina pode ser dividida em três grandes tipos: a casa linear, a casa de cozinha dissociada, dois tipos muito influenciados pela habitação faialense, e a casa de planta complexa.

A casa linear é a mais popular nesta ilha, surgindo diversas variantes. Pode ser mais curta ou um pouco mais alongada, possuir ou não loja, mantendo-se a cozinha numa das extremidades. Dentro deste tipo de habitação destacam-se as casas com meia-água, onde uma das águas é prolongada tendo em vista a ampliação do espaço habitacional, ficando a outra, que está geralmente virada para a rua, com sensivelmente metade do tamanho, as casas com planta em “L” e as casas com loja térrea.

Passando para a casa de cozinha dissociada, a variação florentina caracteriza-se essencialmente pela sua fachada de tipo janela-porta-janela, podendo ter loja térrea. Por fim, a casa de planta complexa é o tipo mais raro, caracterizando-se por serem

sempre em dois pisos e com planta em “L”. As suas dimensões são maiores que as dos tipos anteriores, destacando-se a complexidade de compartimentos interiores que possui (e que lhe acaba por dar nome), as suas ligações e divisões, algo que não acontece nas casas lineares e de cozinha dissociada (CALDAS, 2007: 502-513).

A nível de acabamento exterior, encontram-se na mesma medida casas com pedra vulcânica à vista e caiadas com faixas coloridas, podendo estas últimas ser vistas como produto de uma evolução progressiva em relação às primeiras.

2.4.9. Corvo

A mais pequena ilha dos Açores, com apenas 17 km² de área, o Corvo é também a ilha menos povoada, com apenas 384 habitantes num único concelho seu homónimo. Este concelho é, ainda, caso único no país, uma vez que não possui freguesias.

A nível de relevo é caracterizada por ser, essencialmente, uma única cratera vulcânica, sendo que o povoamento aconteceu numa pequena porção de terra relativamente plana junto ao mar. Como referido anteriormente, o caso da ocupação do território no Corvo é um caso único no arquipélago, uma vez que o povoado se caracteriza por ser especialmente compacto.

A habitação corvina caracteriza-se, então, por ser de maiores dimensões médias em relação às das outras ilhas, sendo sempre em dois pisos, ficando a loja e a cozinha no inferior e os quartos no superior.

As chaminés são uma introdução relativamente recente na ilha, pelo que as habitações mais antigas eram essencialmente do tipo das casas com cozinha encostada. Isto justifica-se pelo facto de, na ausência de chaminé, o fumo ser escoado através de uma abertura no forro da cobertura deste compartimento, pelo que não era possível que se construísse por cima do mesmo.

A chaminé possibilitou a construção por cima da cozinha, dotando as casas de um aspeto mais retangular. O acesso exterior ao piso superior mantinha-se, existindo a

escadaria de pedra que leva a um balcão em frente às portas, mas nestas casas desenvolvem-se acessos interiores entre os dois pisos, inexistentes nas casas mais antigas (CALDAS, 2007: 531-537).

3. O Contexto do Modo de Construir nas Furnas

3.1. Enquadramentos das Furnas – Geográfico-Administrativo, Geomorfológico e Hidrológico

Pertencente ao concelho da Povoação, na ilha de São Miguel, a freguesia das Furnas tem 70,20 km² de área e 1399 habitantes (segundo os dados definitivos dos censos de 2021, disponíveis no sítio da internet do Serviço Regional de Estatística dos Açores). Fica localizada, à semelhança da freguesia das Sete Cidades, no interior de uma cratera vulcânica, na qual também se encontra uma vasta lagoa homónima. Parte da cratera, onde se encontra a freguesia, é, também, conhecida como Vale das Furnas.

Conhecida por todos os que dos Açores já ouviram falar, a freguesia tem como ex-líbris as águas termais, a sua lagoa e as fumarolas. O quotidiano da freguesia gira em torno dos seus pontos de maior interesse, sendo visitada e admirada, diariamente, por turistas dos mais variados pontos do globo. Contudo, apesar do turismo ser, sem dúvida, o principal motor económico da freguesia, a inevitável agricultura afirma-se como uma grande ocupação dos habitantes, seja pelo tradicional cultivo de inhames e milho, seja pela incontornável lavoura. O traçado da freguesia, onde as casas se encontram, por assim dizer, em fila indiana e não amontoadas como nos centros urbanos (ver figura 5), é bastante favorável à agricultura, tendo muitas habitações um extenso quintal, onde, muitas vezes, existem pequenas hortas, criação de aves, coelhos, suínos, caprinos (cabras domésticas) e até bovinos. Para além da existência destes quintais, grande parte do território que envolve a freguesia é composto por amplas pastagens, perfeitas para a agricultura.

No que ao aspeto geomorfológico diz respeito, a freguesia localiza-se no Vulcão das Furnas. Este vulcão encontra-se no meio de duas outras formações vulcânicas mencionadas anteriormente: o Planalto da Achada das Furnas, a oeste, e o Vulcão da Povoação, a este.

Deste, outrora, grande vulcão subsiste uma atividade vulcanológica secundária. Esta atividade é ilustrada pelas fumarolas junto à Lagoa (local onde se cozinha o famoso prato local Cozido das Furnas), as fumarolas no centro da freguesia (denominadas pelos locais como as caldeiras das Furnas), os dois locais de termas ou banhos férreos (Parque Terra Nostra e Poça da Dona Beija) e as diversas ribeiras quentes, que se estendem um pouco por toda a freguesia.

O interior da cratera pode ser dividido em duas caldeiras principais: a primeira corresponde aos bordos mais exteriores, tendo sido formada na sequência de uma erupção ocorrida há cerca de 33.930.480 anos, e a segunda corresponde aos bordos mais interiores da cratera, tendo sido formada há cerca de 10 a 12 mil anos (FREITAS, 2017: 5). Apesar de podermos generalizar e denominar todo o chão da cratera como uma única depressão central, o mais correto seria dividi-lo em duas depressões diferentes, especificamente as que albergam, hoje, a Lagoa das Furnas e a freguesia homónima, que se formaram nos últimos 5000 anos (FREITAS, 2017: 5).

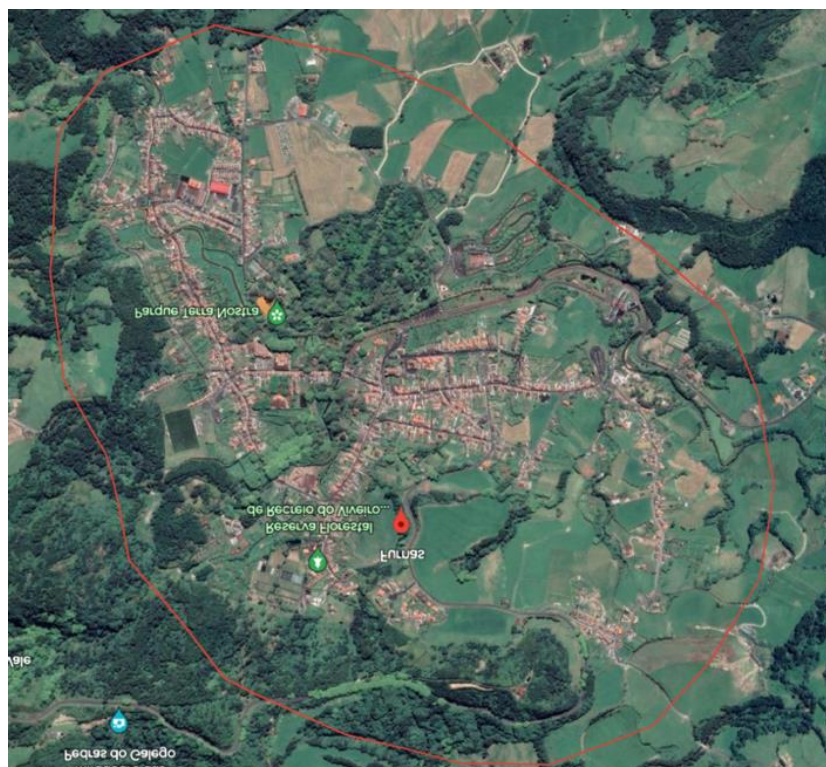


Figura 5: Vista aérea do traçado da Freguesia das Furnas. Fonte: Google Earth.

Sabendo-se que este aparelho vulcânico foi protagonista de quase 100 episódios eruptivos, a verdade é que existem apenas dois registos históricos (FREITAS, 2017: 6): um que durou de 1439 a 1443, bastante perto, temporalmente, do início do povoamento da ilha, e um que ocorreu em 1630, o qual travou sobremaneira a evolução do povoado, conforme será discutido quando se abordar o Povoamento das Furnas.

Quanto à hidrologia e aos recursos hídricos das Furnas, como já referido anteriormente, grande parte dos seus cursos de água de superfície afluem em direção à Ribeira Quente, sejam eles as ribeiras quentes que atravessam o centro populacional, as nascentes presentes nos bordos da cratera (algumas visíveis através de quedas d'água) ou, até, a própria Lagoa, através de escoamento superficial ou transferência subterrânea (FREITAS, 2017: 13). Relativamente aos recursos subterrâneos, as Furnas estão incluídas no Sistema Aquífero Furnas-Povoação, uma de seis massas de água subterrâneas presentes na ilha de São Miguel (FREITAS, 2017: 14).

3.2. Povoamento: Desafios e Primeiros Anos

Como referido anteriormente, o povoamento das Furnas é um caso bastante raro na ilha de São Miguel, não apenas por ter sido feito numa cratera de um grande vulcão adormecido, mas principalmente pelo facto de ser um povoamento interior quando a norma, até então, era o povoamento litoral, mesmo que nem sempre à beira-mar.

Para abordar o povoamento das Furnas, como, aliás, de qualquer outra freguesia ou povoação do arquipélago, o ponto de partida terá, sempre, de ser o incontornável cronista Gaspar Frutuoso. No seu Livro IV da sua obra Saudades da Terra, para além de descrever uma paisagem densamente arborizada, refere que a zona das Furnas resultou de um antigo “arrebentar de um pico”, isto é, uma erupção vulcânica tal que moldou a paisagem anterior, destacando, até, as escoadas lávicas nas vertentes do cone vulcânico (“correndo (...) pedra e terra das mesmas serras”, in FRUTUOSO, 1987: 216).

Após esta descrição do austero aspeto da zona aquando da escritura da obra, Frutuoso fala-nos de um clérigo, cujo nome desconhecia, que se dirigiu ao vale, acompanhado dos primeiros povoadores da ilha. Partindo da Povoação, este clérigo terá demorado alguns dias a alcançar o vale, precisamente devido ao terreno vastamente coberto por vegetação. Ao chegarem a um dos bordos da cratera, o clérigo deparou-se com as fumarolas ao longe, descritas como de maior intensidade então do que testemunhado pelo cronista: “que naquele tempo estavam mais altas e furiosas que agora, por então estar ainda junta maior matéria de fogo e mais fortes vieiros de enxofre, que as faziam ferver com maior fúria e mais espantosas; estavam em terra mais alta” (FRUTUOSO, 1987: 218). Talvez amedrontados com a visão das fumarolas e da atividade vulcânica, aliado, também e novamente, ao denso arvoredado, os homens terão regressado ao seu ponto de origem, à vila da Povoação, referida por Frutuoso como “Povoação Velha”.

Frutuoso faz, também, referência a uma fábrica de “pedra hume” (alúmen de potássio) pertencente a João de Torres, a quem pertencia uma outra fábrica do mesmo tipo localizada na Ribeira Grande, onde também se podem encontrar fumarolas como as das Furnas. Junto a esta fábrica diz Frutuoso passar uma ribeira de água fria, embora em algumas partes a água ferva, daí ser chamada de Ribeira-que-Ferve. Frutuoso refere uma outra ribeira, a Ribeira Quente (a que dá o nome à freguesia, cujo único acesso se faz através das Furnas), indicando que algures entre as duas se localiza uma ermida, de invocação a Nossa Senhora da Consolação (FRUTUOSO, 1987: 220-221). Esta ermida, e respetivo “convento” (conjunto de pequenas casas aglomeradas à ermida onde habitavam os frades eremitões), segundo Ernesto do Canto informou aquando da sua participação no volume LVI da Revista Insulana, estaria localizada relativamente na mesma zona da atual igreja de Santa Ana (CANTO, in Insulana, vol. LVI: 129-130), hoje também conhecida como Igreja Velha.

Outra fonte importante para podermos perceber é a obra do Marquês Jácome Correia, intitulada “Leituras Sobre a História do Valle das Furnas”, de 1924. Nesta obra vemos corroborado o relato de Frutuoso relativamente à primeira incursão realizada no vale. Jácome Correia refere que esta incursão ocorreu em 1444, descrevendo o arvoredado

como sendo composto por cedros, faias, louros, ginjas, paus brancos, folhados, uveiras da serra e urzes (CORREIA, 1924: 15). Refere, ainda, que desta vegetação fora recolhida a maior parte da madeira utilizada para a reconstrução de Vila Franca do Campo, a primeira capital da ilha de São Miguel devido ao seu excelente porto natural, localizada no sopé do Vulcão do Fogo e soterrada na sequência de terramotos derivados da erupção do mesmo, em 1522 (CORREIA, 1924: 16).

Este aproveitamento da matéria-prima do arvoredado furnense parece ter favorecido um primórdio estabelecimento, embora escasso, de povoadores ou colonos. Jácome Correia fala-nos deles, dos quais se destacarão alguns. Começarei por falar de Diogo Preto, também mencionado por Frutuoso, referindo-se a este homem como um homem nobre, escrivão de toda a ilha (FRUTUOSO, 1987: 144). Ambos os autores referem a existência de uma fazenda, propriedade de Diogo, nos arredores da lagoa das Furnas. Perto desta fazenda passaria uma gruta homónima, desembocando naquilo a que, atualmente, se designa de Salto do Rosal (CORREIA, 1924: 17) – esta gruta, segundo um estudo sobre as fronteiras da original propriedade de José do Canto na margem da lagoa (BORGES, 2014: 92), localiza-se nas imediações da atual Mata José do Canto.

Jácome Correia refere, também, um frade eremitão de nome Sebastião Affonso Cogumbreiro, filho de Diogo Affonso Cogumbreiro, fundador da primeira ermida da Mãe de Deus, em Ponta Delgada (CORREIA, 1924: 16). Sebastião habitaria no já referido convento adjacente à, agora inexistente, ermida de Nossa Senhora da Consolação, que existiria já antes de 1551, ano em que um morador de Vila Franca do Campo lhe deixa 100 reis no testamento (CORREIA, 1924: 16-17). Como Frutuoso, Jácome Correia também refere a fábrica de João de Torres, dizendo que a mesma existe desde 1570.

Seguem-se outras referências a homens e famílias com posses de terras na área do vale e também das zonas circundantes, nomeadamente no Planalto da Achada das Furnas, indicando pedidos de autorização, em meados de Quinhentos, para a exploração de terras com propósitos de recolha de lamas para fertilização dos campos ou cultivo de pastel, trigo e uma tentativa falhada do cultivo de papoilas com vista à produção e exportação do ópio (CORREIA, 1924: 17-19).

Apesar de não serem referidos diretamente por nenhum destes dois autores, com o início deste interesse pela exploração do vale é certo que alguns camponeses se instalaram no mesmo. Isto é atestado quando Frutuoso se refere a uma intempérie ocorrida em outubro de 1588, caracterizada por fortes chuvas que, para além de entupirem as caldeiras das fumarolas, fez com que os níveis de água da lagoa e das ribeiras do vale subissem drasticamente, arrastando “algumas casas com seus moradores ao mar” (FRUTUOSO, 1987: 222). Também Jácome Correia nos fala desta intempérie, referindo que a fábrica de João de Torres também foi destruída pelas chuvas (CORREIA, 1924: 23).

Após este dilúvio retornou novamente o medo e o receio em reestabelecer o povoamento do vale, atrasando-o por algum tempo. Manteve-se a exploração agrícola no vale, mas os eremitas nele presentes até ao dilúvio acabaram mesmo por abandonar o convento (CORREIA, 1924: 25).

O primeiro surto de povoamento das Furnas, embora não tenha sido o definitivo, é caracterizado por duas grandes vertentes da sociedade micalense de Quinhentos: a agricultura e a religião. Dá-se destaque, contudo, à religião. Jácome Correia fala-nos de dois frades algarvios que se instalaram no convento abandonado pelos eremitas, ocupando o vale em missão religiosa e caritativa cujo objetivo era torná-lo num ponto de auxílio a pessoas sofredoras de enfermidades, mais bem tratadas por banhos termais. Esta missão, que seguiria as diretrizes terapêuticas das Caldas da Rainha, acabou por falhar (CORREIA, 1924: 26). Após este falhanço, os frades eremitas, que se haviam refugiado em Ponta Garça, no concelho de Vila Franca do Campo, recebem autorização do Donatário D. Rodrigo da Câmara para regressar às já reedificadas casas que compunham o convento. Contudo, o medo prevalecia e os frades reportaram diversos tremores de terra e ruídos oriundos do subsolo, motivo pelo qual tentaram embarcar, por volta de 1615, numa caravela que seguia com destino a território continental. Este embarque foi recusado por quem mandara fretar a caravela, uma vez que o mesmo temia as repercussões divinas de remover do vale quem tinha sido destinado por Deus a povoá-lo, oferecendo-lhes 80 mil reis anuais para que voltassem e continuassem a levar o desígnio de Deus a bom porto (CORREIA, 1924: 27-28).

Pouco tempo depois, no ano de 1630, a última erupção registada do Vulcão das Furnas aconteceu. Afetando a ilha por cerca de dois meses, tendo início ao terceiro dia de setembro, esta erupção teve como sintomas iniciais diversos tremores de terra no vale, o que levou os frades e alguns camponeses que lá se tinham instalado a abandoná-lo. Efetivamente, a erupção provocou mortos e estragos nas Furnas e em todos os povoados próximos ao vulcão, como a Povoação e Ponta Garça, provocando evacuações totais em Vila Franca do Campo e no Faial da Terra (CORREIA, 1924: 29). O vale estava novamente, abandonado, o pequeno povoado que se havia construído encontrava-se soterrado pelos materiais vulcânicos e a paisagem tinha sido alterada definitivamente, ficando os donos de terras sem saber onde as mesmas se encontravam.

Este abandono efetivo acabou por não ser duradouro. Em 1640, apenas uma década após o “arrebentar do pico”, como lhe chamaria Frutuoso, registaram-se as primeiras tentativas de reaproveitamento do território do vale, perpetradas por pastores oriundos de povoações próximas. Segundo Jácome Correia, estes pastores, a muito custo, conseguiram ir moldando o território às suas necessidades. Após desviarem os inúmeros cursos de água, fazendo-os convergir noutros, reduzindo, assim, o seu número, começaram a arrotear as terras. Estes pastores acabam por construir, ainda, algumas habitações de madeira, com cobertura em palha, a que Jácome Correia chamou de “choupanas palhaças” (CORREIA, 1924: 30-31). Apesar de nenhum exemplar ter resistido até aos nossos dias, seriam, muito provavelmente, idênticas às cafuas presentes um pouco por todo o arquipélago, uma vez que uma choupana, tal como uma cafua, se caracteriza por ser uma cabana coberta de ramos ou colmo e com apenas uma porta.

Este novo impulso colonizador dos pastores atraiu a atenção dos senhores outrora proprietários de terras no vale, que começam a reclamar posse do mesmo, entrando, inclusivamente, em conflito com o Donatário relativamente à posse das mesmas, conflito esse que acabaria na Relação, sendo dada razão aos proprietários. Ao mesmo tempo, esforços foram encetados para o melhoramento dos acessos, de modo a diminuir o isolamento da população (CORREIA, 1924: 33).

Nos 50 anos que se seguiram, as Furnas conheceram um efetivo desenvolvimento a todos os níveis, os seus terrenos férteis começavam a ser rentáveis e com boa produção. Novamente, a religião se fez sentir, sendo construída uma nova ermida, a Ermida da Alegria, e o Convento dos Jesuítas, junto à Ribeira da Alegria. Os religiosos contribuíam, também, para as atividades agrícolas, produzindo essencialmente mel e cera, sendo que os cultivos dos leigos tinham o propósito essencial de sustentar a vida diária (CORREIA, 1924: 34-36).

Em suma, o povoamento das Furnas acaba por ser bastante atribulado e tudo menos linear. Como diriam os locais, foi feito aos solavancos: ora chegava gente, ora a gente fugia das intempéries, ora voltavam, ora iam embora novamente, até que por fim ficaram de forma perene. Pode-se, então, afirmar que o grande ponto de viragem no povoamento das Furnas é o rescaldo da erupção de 1630. Apesar da erupção ter, de facto, afastado o Homem do vale, a verdade é que acaba por ser ela a criar as condições para o desenvolvimento da freguesia ao longo do tempo: a topografia foi totalmente transformada, tornando-se mais plana e fácil de cultivar. A renovada facilidade de cultivo aliou-se à revitalizada fertilidade do solo causada pelos materiais vulcânicos e proporcionou, assim, um ambiente, ainda que longe de perfeito, mais favorável ao estabelecimento do Homem e dos seus costumes de então.

A relativa calma que se seguiu à erupção acabou por despertar, ou, mais corretamente, revitalizar o interesse pelas fumarolas e pelas propriedades termais das ribeiras da freguesia, o ponto chave do desenvolvimento da mesma, construindo-se balneários termais (estes balneários, numa fase embrionária, eram simples buracos no solo, onde as pessoas faziam convergir as águas termais naturais das ditas ribeiras, conforme nos relata José da Luz num artigo publicado na Revista Insulana, em 1995), não só para auxílio a doentes, mas também, posteriormente, para lazer, atraindo não só os micaelenses, como até figuras políticas estadunidenses, como Thomas Hickling (vice-cônsul dos EUA para o Grupo Oriental dos Açores), um dos principais impulsionadores da freguesia, e até da ilha, durante o século XIX.

3.3. Evolução do Povoado

Como referido nas linhas anteriores, as Furnas começaram por ser um lugar inóspito, condenado, então, ao abandono. O estabilizar da atividade tectónica e vulcânica do Vulcão das Furnas após a erupção de 1630 permitiu, por fim, que o povoamento começasse sem retorno, deixando para trás cerca de dois séculos de avanços e recuos constantes e provocados por diversas catástrofes naturais.

Numa primeira fase, o foco principal das gentes que se instalaram na freguesia foi a agricultura e o seu desenvolvimento, como em todas as freguesias da ilha e do arquipélago. Contudo, apesar do facto da agricultura ser sempre o principal motor de sustentabilidade da sociedade furnense, as características geológicas da freguesia concederam-lhe, desde cedo, um outro prisma: a exploração dos recursos termais. Segundo Jácome Correia, após esta primeira fase de foco agrícola, um dos principais objetivos dos ilustres de então foi o estudo das águas termais, objetivando-se a criação de umas termas semelhantes às das Caldas da Rainha. Para este interesse científico chegar ao continente português, foi importante a propaganda efetuada por três personalidades: Félix de Valois e Silva (“degradado de Lisboa”, segundo Jácome Correia), Dr. G. Gourley (médico na Madeira) e António Machado de Faria e Maia (Governador de Cabo Verde) (CORREIA, 1924: 48-50). Esta propaganda, e o interesse por ela despertado, impulsiona os poderes locais da ilha e arquipélago a encetar redobrados esforços em investigações científicas sobre as águas e o enxofre presente na freguesia, chegando, inclusive, a reunir uma comitiva enviada à Corte a pedir autorização para a exploração dos recursos termais (CORREIA, 1924: 51).

Paralelamente a este interesse crescente pelos recursos termais da freguesia surge o empreendimento da reflorestação dos seus matos. Tendo sido a principal proveniência da madeira utilizada para a reconstrução de Vila Franca do Campo após 1522, estes matos encontravam-se severamente despovoados de arvoredo. Este repovoamento era essencial em zonas onde o cultivo era difícil ou impossível, de modo que as novas árvores pudessem servir de proteção para as culturas presentes nos

campos próximos. A importância desta rearboração é atestada pela previsão de multas a aplicar aos donos dos terrenos que não o fizessem (CORREIA, 1924: 53-54).

Estes dois interesses paralelos foram, aos poucos, fazendo evoluir a freguesia. Com a importante proteção providenciada pelas novas árvores, a população viu-se com maior facilidade no seu autoabastecimento de víveres e o interesse pela ciência por trás dos recursos termais, eventualmente, evoluiu para o interesse pelas propriedades medicinais dos recursos termais, que por sua vez evoluiu para lazer – algo que se mantém hoje.

Com o evoluir destes interesses, alteram-se, também, os pontos de maior aglomeração populacional da freguesia. No início do povoamento, a população concentrar-se-ia, maioritariamente, em cafuas localizadas junto à Igreja de Santana, local onde ainda se pode verificar uma forte ocupação. Posteriormente, aquando da insistência em tornar a freguesia num destino termal por excelência, foi descoberto que as nascentes termais se localizavam quase exclusivamente numa zona específica, perto das Caldeiras. Isto fez com que os fluxos populacionais seguintes acabassem por ter como destino, precisamente, a zona das Caldeiras (CORREIA, 1924: 60-62) – que também se mantém como a zona com maior densidade populacional.

O processo evolutivo de um pequeno povoado agrícola para um ponto de lazer de referência é extenso e complexo, pelo que dele se apresentarão apenas os pontos essenciais.

Quando se descobriu, em Setecentos, que as nascentes se localizavam quase todas numa só zona, começaram a surgir as primeiras estruturas para banhos. Inicialmente, segundo Lyman H. Weeks, americano que passou uma temporada no arquipélago, os banhos eram extremamente primitivos, sendo feitos num simples buraco cavado no sol, para o qual a água termal era levada através de canais. Com o evoluir do interesse e dos tempos, foram-se construindo pequenas cabanas palhaças, ou cafuas, de apoio, ou balneários, o primeiro dos quais nos é referido por Urbano Dias Mendonça e dá pelo nome de Banhos de Sant’Ana, após 1760. A este seguiu-se uma outra cafua perto da Caldeira Grande, mandada erigir por D. Maria Madalena da Câmara

(e que depois de sua morte serviram a população furnense) os banhos férreos da Ribeira e os das Quenturas (CORREIA, 1924: 63). Vestígios destes banhos primitivos podem ser observados na zona das caldeiras, onde as cafuas deram lugar a edifícios modernos, mesmo que não utilizados para banhos, mas sim para turismo (ou como loja de produtos locais, onde ainda se podem ver algumas das zonas de banho, ou como hotel onde são aproveitadas as propriedades termais como cartão de visita).

No século seguinte, os protagonistas mudam. Em primeiro lugar, Thomas Hickling. Vice-cônsul americano para as ilhas do Grupo Oriental, adquiriu, no início do século, uma propriedade numa das margens de uma das ribeiras de água quente, na qual construiu um chalé no topo de uma pequena elevação, um tanque de água férrea e plantou um pequeno bosque, conjunto ao qual chamou de Yankee Hall. Segundo Jácome Correia, Hickling abria a sua propriedade à população para convívios, no qual o próprio ocasionalmente participava, dotando-os de aspetos da cultura americana, que acabava por fazer intrometer no cerne das tradições de lazer furnenses (CORREIA, 1925: 65). Poder-se-á, então, afirmar que Hickling foi o pioneiro da utilização dos banhos para lazer. A propriedade do vice-cônsul passaria, posteriormente, para as mãos de um nobre local, o Visconde da Praia, Duarte da Câmara de Medeiros (CORREIA, 1924: 64-68). O Visconde acabaria por destruir o chalé e construir uma casa de campo, ainda de pé. Ampliaria e melhoraria, ainda, o pequeno bosque, transformando-o num belo e extenso jardim botânico. O nome de Yankee Hall extinguiu-se e a propriedade, agora, denominava-se de Parque Terra Nostra, hoje o grande ponto termal da freguesia e do arquipélago.

Perto do Yankee Hall, um outro nobre local, Manuel de Medeiros Canto e Albuquerque, Barão das Laranjeiras, construiu o seu próprio chalé e banhos. Tendo em conta a descrição de Jácome Correia, esta estrutura, hoje inexistente, e estes banhos localizam-se, provavelmente, onde hoje é a conhecida Poça da Dona Beija.

Em tempos mais recentes, as Furnas e os seus banhos perderam o seu estatuto de destino de tratamento para doenças através dos banhos de água quente e abraçaram definitivamente o estatuto de lazer na água quente. Apesar dessa tendência ter

começado no século XIX, com Hickling, a verdade é que ganhou maior preponderância a partir do século passado, sendo o maior destino turístico do arquipélago.

4. O Modo de Construir Furnense

4.1. Habitação

4.1.1. As Casas Rurais Furnenses – Introdução

Como referido anteriormente, as primitivas habitações das Furnas, como em todo o arquipélago, seriam as chamadas cafuas (ou, como chamadas por Jácome Correia, choupanas palhaças). Infelizmente, não sobreviveu nenhum exemplar destas habitações, pelo que não é possível afirmar, com certeza, como seriam construídas e que materiais específicos seriam utilizados. Contudo, podemos assumir que teriam uma forma circular, de teto de colmo ou palha e com apenas uma entrada, a porta.

Para além das cafuas, foram também construídas algumas ermidas e pequenas casas adjacentes, cujo objetivo era servir de morada aos religiosos, formando uma espécie de convento, mas que das quais não restam vestígios nem informações sobre como ou com o quê foram construídas, podendo-se apontar a madeira e a palha como materiais indispensáveis.

Com o avançar do tempo e o desenvolvimento arquitetónico, a freguesia seguiu os padrões do arquipélago, mas especialmente da ilha e, ainda mais especificamente, da zona Este da mesma. Como já vimos, a ilha de São Miguel pode ser dividida em três grandes zonas com características próprias de ocupação de território e tipologias de construção: a Oeste, a Central e a Este, nas quais tem grande influência a morfologia e topografia de cada uma.

Posteriormente, com a evolução tecnológica, as habitações tornaram-se mais complexas, embora geralmente simples no seu geral. A madeira que constituía a fachada deu lugar à pedra vulcânica, tornando-se mais robusta e resistente. As divisões dos espaços interiores, a existirem, eram feitas através de tabiques. Num momento inicial, as coberturas mantiveram-se de colmo ou palha, mas com o desenvolvimento da indústria foram substituídas por coberturas em telha de barro, como em todo o arquipélago.

Ora, as Furnas localizam-se na Zona Este e, conseqüentemente, seguem os padrões de ocupação do espaço e os métodos construtivos da mesma. Mais especificamente, na zona mais a sul da Zona Este.

Começando pela planta, há, de um modo geral, uma rigidez geométrica, sendo simples e aplicada repetitivamente. As habitações são sistematicamente construídas tendo por base as rochas vulcânicas disponíveis, sendo inicialmente em pedra seca. Deste estilo ainda resistem algumas habitações, embora se encontrem em estados de degradação muito avançados devido ao abandono das mesmas.

Como referido anteriormente, a cobertura evoluiu de colmo e palha para telha, quase sempre em meia cana. Normalmente é uma cobertura simples, com pouca inclinação, apoiando-se numa estrutura de madeira rudimentar (CALDAS, 2007: 24). Há, no entanto, uma variação na construção da cobertura, um pouco mais complexa e que se pode encontrar por todo o arquipélago. Para esta cobertura é construído um segundo piso falso, de madeira e impossível de identificar do exterior, recebendo o nome falsa (ou sótão). Esta falsa ocupa, normalmente, metade da cobertura, servindo de quarto para as crianças que habitavam a casa.

Esta é a zona menos povoada da ilha e, curiosamente, é nela onde se pode verificar uma maior riqueza de ocupação do território e de tipos de habitações. Este facto explica-se, essencialmente, pelas acrescidas dificuldades comunicativas entre as povoações se a compararmos com as outras duas, muito por culpa do carácter mais montanhoso, bastante típico do Oeste micaelense.

Apesar desta variabilidade, podem ser identificadas três grandes subzonas dentro da Zona Este: a Norte (caracterizada por uma ocupação mista, combinando-se as casas juntas umas às outras com as que se encontram completamente isoladas), a Este (caracterizada pela propagação de casas do tipo dissociado, isto é, onde a cozinha se encontra separada do volume principal da habitação) e a Sul (esta subzona acaba por ser um resumo das outras duas, podendo-se verificar as casas dissociadas e as casas juntas umas às outras nas mesmas povoações; é nesta subzona em específico que se podem encaixar as habitações das Furnas) (CALDAS, 2007: 144).

Dentro destas subzonas destacam-se os seguintes tipos de casa (CALDAS, 2007: 144-151): casa dissociada (ou com cozinha separada), casa com pátio, casa com alpendre, casa com cozinha perpendicular e passagem em arco e casa integrada.

Apesar destes elementos diferenciadores, há alguns aspetos em comum a todos estes tipos, nomeadamente no que diz respeito à cozinha. Não existindo, na maior parte das habitações, chaminé, o fumo tem de ser escoado através do telhado. Isto faz com que se assista à separação sistemática da cozinha do corpo dos quartos, podendo estar completamente desligada da habitação ou encostada à mesma (CALDAS, 2007: 144).

4.1.2. Técnicas e Materiais de Construção

As primeiras habitações, as cafuas ou choupanas palhaças seriam circulares, feitas em madeira e com cobertura de palha ou colmo. Eram, sempre, térreas e de uma única divisão cujo pavimento seria em terra batida. Estas cafuas evoluíram na sua forma, abandonando o formato circular a assumindo uma planta mais retangular ou quadrangular, mas mantendo as paredes de madeira, as coberturas em colmo e a divisão única (que gradualmente foi dando lugar a uma habitação em duas divisões: cozinha e quarto). Uma variação destas cafuas, o cafuão, poderá ter tido presença na freguesia, embora não existam vestígios – o cafuão caracteriza-se por uma planta quadrangular, em que a fachada é a cobertura e apenas existem as empenas em madeira ou pedra seca. Eram, portanto, das mais simples construções da civilização de então.

A nível dos materiais utilizados numa primeira fase, cingiam-se à palha para a cobertura e madeira para as paredes. Relativamente à madeira que os colonos utilizaram aquando do estabelecimento definitivo no vale, a partir de 1640, terá sido a presente no mesmo, tendo Jácome identificado, como referido anteriormente, as seguintes espécies: cedros, faias, louros, ginjas, paus brancos, folhados, uveiras da serra e urzes (CORREIA, 1924: 15).

Com o passar do tempo, a madeira dá lugar à pedra e a palha à telha. No que à pedra concerne, o basalto era a predominante, não só para a construção da habitação, mas também para os muros de delimitação das propriedades – sempre em pedra seca, sem serem rebocadas ou caiadas. Quanto à telha, a sua adoção é mais lenta do que a da pedra, existindo propriedades com cobertura de palha ainda no século XX, e não há registos da sua produção na freguesia.

Mais recentemente, as habitações vão surgindo, na sua generalidade, com as suas fachadas e empenas caiadas ou rebocadas. A cor predominante era branca, com os bordos dos volumes pintados de preto ou até mesmo feitos em basalto que percorriam os limites da fachada e aberturas da mesma. Para prevenir infiltrações pelos vãos muitas vezes presentes nas construções de pedra seca, as paredes começam a ser feitas com argamassa de barro a ligar as pedras. Embora não tenham resistido exemplares significativos desta prática devido às constantes remodelações, pode ser presumido que estas argamassas ainda estão presentes nos assentamentos iniciais das casas mais antigas, que provavelmente não foram intervencionados.

4.1.3. Tipologias Predominantes

A freguesia situa-se, como referido anteriormente, na zona mais a sul da Zona Este, a nível tipológico, da ilha de São Miguel.

Segundo Jácome Correia, no século XVII a casa furnense caracterizava-se por ser térrea, com apenas um ou dois quartos. É, também, descrita a existência de um quintal povoado de árvores de fruto e dos currais dos porcos (CORREIA, 1924: 62).

Na freguesia das Furnas, é possível verificar uma construção consecutiva, com pouco ou nenhum afastamento entre as habitações – algo não muito comum na Zona Este de São Miguel, já referida como a zona onde mais isolamento existe entre habitações devido à escassez populacional e à abundância territorial. De um modo geral, as casas furnenses foram construídas seguindo o modelo empena-fachada, intercalando-se

habitações onde o que está virado para a rua é uma das paredes laterais da casa com habitações onde é a fachada propriamente dita que está.

Quando é a fachada que está de frente para a rua, o acesso à mesma é feito através da porta presente. Por norma, as fachadas são de tipologia janela-porta-janela. A porta é sempre uma e as janelas alternam entre uma ou duas, em casas térreas. Em casas com mais do que um piso, é comum que no piso térreo exista apenas uma janela acompanhada da porta, estando as restantes janelas, ou janela, no primeiro piso. Este modo de construir também se aplica às habitações onde é a empena que se encontra de frente para a rua. Contudo, em algumas habitações deste segundo tipo é possível observar a ausência de aberturas viradas para a rua. O acesso faz-se, então, através de um vão entre habitações, popularmente chamado de entrada. Uma modernização desta segunda habitação transforma a empena numa tradicional fachada, de janela-porta-janela, sendo que a entrada começa a dar lugar a garagens.

Outra característica das habitações furnenses, embora não onnipresente, é a existência de um balcão de acesso à porta principal. Algumas habitações não têm o piso térreo ao mesmo nível da rua, sendo necessário a subida de um pequeno lanço de escadas que desagua num balcão, esse sim ao mesmo nível do piso térreo. Sendo impossível comprovar a seguinte afirmação por não ser visível qualquer acesso pelo exterior, estes balcões serão, provavelmente, prova da existência de meias-lojas na freguesia, à semelhança do que acontece em Santa Maria. No entanto, pode acontecer que os balcões existam, simplesmente, pelo facto de a habitação ter sido construída num pedaço de terra mais elevado do que o nível da rua.

No que à planta diz respeito, há uma multiplicidade de tipologias presente na freguesia, à imagem do que acontece Zona Este. Nas Furnas, podemos fazer a divisão das tipologias em dois grupos: elementares e complexas. Como os próprios nomes indicam, as casas elementares são de planta e organização interior mais simples e pequenas, geralmente térreas e associadas a uma demografia mais humilde, ao passo que as complexas se caracterizam por possuírem maior número de divisões interiores, maior exuberância no exterior e, quase sempre, dois pisos, sendo associadas a uma demografia com maior poder económico.

Apesar dos principais tipos de casa pertencentes ao grupo das casas elementares poderem ser aqui encontrados, desde as casas com cozinha separada às casas com alpendre, o predominante é, sem dúvida, o modelo da casa integrada, quase sempre dobrada, ou seja, dois volumes retangulares simétricos e paralelos formam um volume quadrangular único: a habitação. A nível interior, as habitações não divergem do resto da ilha: poucas divisões, paredes interiores em tabique, entrada por um corredor central que serve de distribuidor para as restantes divisões. Este corredor que dita a organização do espaço habitado, articulado com os tabiques, pode ser em cruz latina, onde as divisões do volume mais afastado da rua sejam mais estreitas do que as outras, ou em cruz grega, fazendo com que todas as divisões sejam da mesma largura.

Outro dos principais tipos de casa elementar presentes na freguesia é a casa com pátio, embora que com variações. Na realidade micaelense, uma casa com pátio é composta por dois volumes perpendiculares sem ligação interior que formam um pátio virado para a rua. Na realidade furnense isto nem sempre acontece, sendo o mais comum a existência de um pátio na lateral do volume. Se é a empena que se encontra virada para a rua, o pátio encontra-se encostado à fachada e vice-versa.

Em todos os tipos elementares, a presença da falsa é constante. Como a maioria das habitações dispunham de apenas um quarto de cama, destinado aos pais, as falsas eram indispensáveis para albergar a descendência do casal. Quase sempre em grande número, os filhos dormiam apertados, facto que atesta sobremaneira a humildade do agregado. O acesso a este falso piso era feito pelo interior, quase sempre a partir da divisão da cozinha e através de escadas, primeiro de madeira e depois em pedra.

Quanto às casas complexas, o modelo mais comum é o de apenas dois pisos, onde a comunicação entre os mesmos é feita pelo interior. Em alguns casos, é possível verificar a existência de um balcão semelhante ao presente nas casas integradas, embora de maiores dimensões, ligando o primeiro piso ao nível da rua. Nas casas complexas é, ainda, muito comum a existência de alpendres junto ao volume da habitação, terraços sobrelevados e outros elementos de articulação com a vida social, como varandas de pequenas dimensões presentes maioritariamente na janela central do primeiro piso ou varandas cobertas de grandes dimensões que ocupam cerca de metade da fachada

superior. Bastante comuns um pouco por toda a freguesia, esta tipologia existirá na freguesia já desde Oitocentos, altura em que a popularidade das termas cresce e a freguesia se começa a desenvolver mais rapidamente. Estas casas de dois andares teriam como função inicial permitir o albergio a banhistas das cidades e vilas próximas que às Furnas se dirigissem (CORREIA, 1924: 66).

Por fim, é de notar a presença, nalgumas habitações, de elementos construtivos não muito comuns na ilha: os presentes nos “chalés”. Talvez devido à elevada influência estrangeira que se sentiu na freguesia a partir de finais de Setecentos e início de Oitocentos, podem ser notadas algumas habitações influenciadas por “chalés”, ou casas “achalezadas” na freguesia das Furnas. Estas, cujos elementos construtivos são de influência do continente europeu, eram por norma as casas de veraneio dos mais abastados e caracterizam-se, de um modo geral, por uma forte inclinação das coberturas, quase sempre em duas águas. O remate das telhas era, normalmente, feito em madeira (CALDAS, 2007: 169).

A nível da fachada, a mesma seria feita, de um modo geral, em alvenaria de pedra basáltica e, em alguns casos, é possível notar que foram rebocadas. Em casos ainda mais raros, as fachadas rebocadas são, ainda, coloridas.

Em algumas destas casas “achalezadas”, é possível verificar, pelo exterior, a existência da falsa. Estas casas, do tipo integradas na sua génese, caracterizam-se pela elevação de um volume perpendicular à cobertura de duas águas, no qual se podem verificar elementos como platibandas, frontões e a forte inclinação das duas águas próprias deste volume.

Quando à integração da habitação no agregado rural, a tendência de variação continua. Não existe um modelo ou regra específico para a freguesia, sendo possível encontrar agregados onde a habitação, a horta, a arribana (designação local para palheiro e sequeiro) e o curral dos animais se encontrem na mesma área, mas também em edifício diferentes, por vezes nem sendo no mesmo terreno. Para além da habitação, os edifícios mais comuns destes agregados rurais são a loja, a adega, o estábulo (para os mais abastados), o galinheiro e o curral do porco.

4.2. Arquitetura de Apoio à Agricultura

Intimamente ligada ao agregado rural está a arquitetura de produção, ou seja, o edificado destinado ao apoio à agricultura ou ao armazenamento dos produtos. Destinadas ao apoio à atividade agrícola, as lojas estavam incluídas no volume habitacional serviam sempre de zona de armazenamento dos instrumentos de trabalhar o campo, como enxadas, sachos, pás ou arados.

Por outro lado, o armazenamento dos produtos da terra raramente era feito no mesmo edifício da habitação. Os edifícios mais comuns para este armazenamento estavam quase sempre ligados à cultura do milho, destacando-se as barracas de milho. Nas Furnas, destacam-se as barracas de milho de tipo piramidal. Estas são compostas por varas que convergem no topo, assemelhando-se a uma pirâmide, sendo os molhos de milho colocados do topo para a base (CALDAS, 2007: 171-175).

Outra construção comum na freguesia são os granéis, estruturas de armazenamento de produtos agrícola, mas preferencialmente de cereais. A origem do nome destes edifícios não é certa, mas pode estar relacionado com o facto de o armazenamento ser feito a granel – acabam por não ser mais do que celeiros. Apesar de comuns por toda a ilha, os das Furnas e da Zona Este destacam-se pelo facto de serem abertos, ou seja, de não possuírem paredes tradicionais. A nível de construção, o granel aberto faz lembrar um “chalet” pela sua cobertura de telha em duas águas. Estruturalmente é composto por uma armação de varas ao alto que assentam num estrado de madeira, que por sua vez assenta em pilares cilíndricos de pedra. No interior desta estrutura são colocadas outras varas, normalmente cruzadas, com o intuito de fortalecer a mesma (CALDAS, 2007: 176-177).



Figura 6: Granel aberto das Furnas. Fonte: CALDAS, 2007: 176.

Destaca-se, ainda, a existência de um moinho de água na freguesia. Este moinho segue a especificações da Zona Este da ilha, sendo um moinho de ribeira, à imagem dos presentes no concelho do Nordeste. Moinho pequeno, de uma moenda, o seu aspeto exterior segue a linha das casas “achalezadas”: cobertura de telha em duas águas, com uma inclinação acentuada. Nas traseiras do edifício principal há um anexo, possivelmente onde se armazenaria a farinha depois de produzida. Hoje, o complexo é explorado para turismo de habitação rural.



Figura 7: Moinho de água das Furnas. Fonte: Google Imagens

4.3. Arquitetura Religiosa

A nível de templos, as Furnas contam com duas igrejas, a igreja de Santa Ana (ou Igreja Velha) e a igreja de Nossa Senhora da Alegria (ou Igreja Nova), e uma capela, a de Nossa Senhora das Vitórias.

Começando pela igreja de Santa Ana, a mais antiga, foi construída na zona onde estaria instalado o já referido convento de eremitas de finais de século XVII. O edifício atual foi reconstruído em finais do século XVII e inícios do século XVIII, contando com apenas uma nave, sendo a sua planta retangular. A nível decorativo, o templo é bastante simples, apresentando alguns elementos que podem ser associados ao barroco. A fachada do templo caracteriza-se pela imponente presença da torre sineira quadrangular, localizada à esquerda. Rebocada e pintada de branco, apresenta os bordos dos volumes e aberturas em basalto, à semelhança de muitas das habitações **arquipelágicas**. Adicionalmente, a fachada destaca-se por ser encimada por um frontão com contracurvas e pela presença de elementos vegetalistas no portal, na janela e no frontão.



Figura 8: Igreja de Santa Ana. Fonte: Google Imagens.

Passando para a Igreja de Nossa Senhora da Alegria, a atual igreja paroquial, esta foi construída já no século XX para colmatar a procura crescente os fiéis aos quais a Igreja Velha já não tinha capacidade de acolher. A sua planta é em T, ou seja, em cruz latina. À semelhança da Igreja de Santa Ana, este templo também possui uma fachada rebocada e pintada de branco com os bordos dos volumes e aberturas em basalto. A fachada é simétrica, com uma torre de cada lado da nave única, e que, ao contrário da Igreja Velha, não possui frontão, terminando em empena, característica partilhada com muitas habitações da freguesia. O maior destaque deste templo está no seu portal, quebra clara com o resto do templo, uma vez que não está presente o basalto, mas sim mármore. Este portal possui diversos elementos construtivos diferentes, destacando-se o arco em ferradura encimado por um gablete, o arco de volta perfeita de duas arquivoltas que cria um vão de acesso ao templo e pelos diversos motivos naturalistas e vegetalistas presentes.



Figura 9: Igreja Nova, Furnas. Fonte: Google Imagens.



Figura 10: Pormenor do portal de entrada da Igreja Nova, Furnas. Fonte: Google Earth.

Por fim, a Capela de Nossa Senhora das Vitórias, um dos melhores exemplares do neogótico açoriano. Mandada construir no século XIX por José do Canto, esta capela é um mausoléu onde se encontram os corpos de quem o encomendou e sua esposa e localiza-se na margem da Lagoa das Furnas, junta à propriedade. A nível arquitetónico, caracteriza-se por uma planta cruciforme de apenas uma nave com transepto. O seu exterior, ao contrário dos dois templos anteriores, é todo em cantaria vulcânica, sendo intercalado o basalto com tufo local, motivo pelo qual a pedra apresenta uma tonalidade

mais avermelhada. Destacam-se, ainda na fachada, os contrafortes bastante salientes e os pináculos da torre sineira. No interior, as nervuras típicas do neogótico também são dominantes, assim como os vitrais, únicos na freguesia.



Figura 11: Capela de Nossa Senhora das Vitórias, Lagoa das Furnas. A planta cruciforme, os contrafortes, os pináculos e a cor mais avermelhada são bem visíveis nesta fotografia. À sua direita vêm-se dois edifícios: o primeiro é uma casa achalezada, e o segundo um verdadeiro chalé. Fonte: Google Imagens.



Figura 12. Altar da Capela de Nossa Senhora das Vitórias, destacando-se os vitrais. Fonte: Google Imagens.

4.4. O Aqueduto das Furnas

Localizado na zona Oeste da Freguesia, este aqueduto é um dos mais recentes da ilha, datado do século XX.

A sua construção não teve como objetivo o abastecimento da freguesia, que, como já vimos, está muito bem servida de cursos de água, mas sim para assegurar o funcionamento da serragem e dos moinhos da freguesia (RODRIGUES, 2010: 105).

A nível construtivo, este aqueduto caracteriza-se pela presença de oito arcos de volta perfeita com as mesmas dimensões, aos quais se segue um nono, de menores dimensões. Estes arcos são em pedra, que é aparelhada em cantaria, mas não de pedra seca, uma vez que se podem notar argamassas nas juntas. Existem alguns vestígios de reboco no aqueduto (RODRIGUES, 2010: 106).

Junto ao aqueduto pode ser encontrada, ainda, uma casa de engenho, responsável pelo impulso da água para a caleira. A nível construtivo, esta casa segue o padrão da pedra aparelhada dos arcos na sua base, sendo a parte superior rebocada (RODRIGUES, 2010: 106).



Figura 13: Aqueduto das Furnas. Fonte: Google Imagens.



Figura 14: Casa do engenho do aqueduto das Furnas. Fonte: Google Imagens

Considerações Finais

A nível regional, apesar de não existir um modelo transversal e comum a todas as ilhas, pode-se identificar uma regra bastante declarada: quase sempre, a tipologia da casa está dependente da localização da cozinha.

Os três grandes tipos de habitação, que são a casa linear, a casa integrada e a casa com cozinha dissociada, desdobram-se em inúmeras variações por todo o território açoriano. Por exemplo, uma casa com alpendre, uma casa com pátio, muito comuns na Zona Este de São Miguel, nada mais são do que casas com cozinha dissociada com elementos extra. A cozinha e o resto da casa continuam a dividir-se em dois volumes, sem ligação interior, apenas exterior, apresentando a particularidade de possuírem um pequeno pátio virado para a rua ou um alpendre a proteger a passagem exterior de um volume para o outro.

O mesmo se pode dizer relativamente à casa com cozinha perpendicular e passagem em arco: nada mais são que casas lineares, de planta em L, com a particularidade da existência de um arco a ligar os volumes.

No fundo, as especificidades tipológicas de cada ilha, salvo algumas exceções (como as casas marienses ou corvinas), acabam por ser subtipos, englobados pelos grandes tipos anteriormente indicados.

Passando às Furnas, o mais comum é a presença de uma construção sem interrupções entre as habitações, algo que contradiz outras zonas da ilha onde as casas geralmente são afastadas umas das outras. Esta sucessão caracteriza-se por uma mistura de habitações de águas paralelas à fachada e de habitações de empena-fachada, sendo comum, também, a sucessão de casas elementares e casas complexas.

Efetivamente, não existe uma tipologia chave que possa ser atribuída à freguesia. Há demasiada variedade de casas elementares e complexas para o podermos afirmar. Contudo, a definir uma Tipologia Furnense, a mesma seria caracterizada por ser de planta quadrangular ou retangular, geralmente de tipo integrado e dobrado, com a presença de balcão de acesso ao piso habitacional e com a possibilidade da existência

de loja ou meia loja. Há, também, de forma geral, a presença de um pátio ou pequeno quintal, que pode incluir edificado de apoio à atividade agrícola, como barracas de milho, granéis e currais de animais.

As influências externas, principalmente estrangeiras, são bastante comuns na freguesia, dando-lhe ainda maior variedade construtiva, surgindo as tais casas “achalezadas”. Adicionalmente, o desenvolvimento da freguesia promove o aparecimento de casas de dois pisos, provavelmente para albergar pessoas que a ela se dirigiam, procurando tratamento nas águas termais – mais tarde, por lazer.

No que à arquitetura religiosa diz respeito, as Furnas mantêm a sua heterogeneidade construtiva presente nas habitações. Há três grandes templos, cada um com as suas particularidades e estilos, dos quais se destaca a Capela de Nossa Senhora das Vitórias, pelo seu carácter único no arquipélago.

Em suma, as Furnas são uma freguesia muito heterogénea a nível construtivo, sem uma regra ou modelo que seja replicado constantemente.

Ao longo deste trabalho, no entanto, foram-se elencando um conjunto de questões, que num trabalho futuro e muito mais ambicioso poderão ser trabalhadas, como a localização exata do convento eremitão que dá origem à Igreja de Sant`Ana, e que técnicas e materiais foram ao certo utilizados na construção do mesmo. Para tal e no futuro, quiçá, seria premente investir-se numa investigação mais completa nesse sentido, possivelmente com escavações à volta do templo atual. O mesmo se aplicaria às zonas dos iniciais banhos termais, nas Caldeiras, de modo a conseguir apurar onde seriam, que técnicas e materiais foram utilizados. Tal desiderato poderia retratar mais fiavelmente o viver dos primeiros habitantes deste vale, mas que no momento são apenas vestígios enterrados por ação do tempo e das constantes erupções vulcânicas que assolaram este povoado e que o tornaram tão único e tão místico.

Referências Bibliográficas

- ASHE, Thomas – History of the Azores or Western Islands. Londres: Sherwood, Neely, And Jones, Paternoster Row, 1813. Disponível em: <https://purl.pt/17103> ;
- BULLAR, Joseph e Henry – Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas (trad. João Hickling Anglin). Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2001;
- CALDAS, João Vieira (coord.) – Arquitectura Popular dos Açores. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2007;
- CANTO, Ernesto do – “Notícia sobre as Igrejas, Ermidas e Altares da Ilha de S. Miguel”. In Insulana. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2000, vol. LVI;
- CÉSAR, Odemiro – Terras de Maravilha. Os Açores e a Madeira. Porto: Imprensa Portuguesa, 1944;
- CORREIA, Jácome – Leituras Sobre A História Do Valle Das Furnas. Ponta Delgada: Oficina de Artes Gráficas, 1924;
- COSTA, Carreiro da – Etnologia dos Açores: Volume 2. Lagoa, São Miguel: Câmara Municipal da Lagoa, 1991;
- COSTA, Sousa – Ilhas das Três Formosuras. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & C.º: 1929;
- DIAS, Rui, ARAÚJO, Alexandre, TERRINHA, Pedro, KULLBERG, José Carlos (eds.) - Geologia de Portugal. Vol. II: Geologia Meso-cenozoica de Portugal. Lisboa: Escolar Editora, 2013, pp. 595-690;
- FERNANDES, José Manuel – História Ilustrada da Arquitectura dos Açores. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2008;
- FRANÇA, Zilda et al – Geologia dos Açores: Uma Perspectiva Actual,. in Revista Açoriana, vol. 10, nº 1. Lisboa, 2005. Disponível em: <http://ovga.centrosciencia.azores.gov.pt/ovga/livro-geologia-dos-acores-uma-perspectiva-actual-2005-zilda-franç-josé-virgilio-cruz-joão-carlo> ;

FREITAS, Ana – Caracterização e Avaliação do Recurso Hidromineral das Quenturas, Vulcão das Furnas, Ilha de S. Miguel (Açores). Lisboa, 2017. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/30254> ;

FRUTUOSO, Gaspar – Saudades da Terra. Livro IV. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1987;

GODMAN, Frederick Du Cane – Natural history of the Azores, or Western Islands. Londres: John Van Voorst, Paternoster Row, 1870. Disponível em: <https://purl.pt/17184> ;

Governo Regional dos Açores (GRA) – Plano de Gestão da Região Hidrográfica dos Açores: 2016-2021 (PGRH-A 2016-2021), Relatório Técnico: Caracterização e Diagnóstico – São Miguel. 2021. Disponível em: https://servicos-sraa.azores.gov.pt/grastore/DRA/PGRHA_2016-2021/PGRH-A_2016-2021_RT_Parte2_VOL2-SMG.pdf ;

LEITE, João – Arquitetura em Madeira no Arquipélago dos Açores: Um estudo sobre desempenho ambiental. Lisboa, 2019. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/downloadFile/281870113705068/dissertacao%2063329.pdf> ;

MARQUES, Cristina Bettencourt – Arquitectura Civil da Ilha de São Jorge – Séculos XVIII a XX. Ponta Delgada, 2013. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/2829> ;

RAPOSO, Creusa - Arquitectura Habitacional Açoriana: O Estudo De Caso Da Moradia "Mata-Vacas", São Miguel – Açores. Arte Y Patrimonio n.º 5 (2020) 30-42. Disponível em: <https://revistarteypatrimonio.files.wordpress.com/2020/09/arte-y-patrimonio-5-silva-raposo.pdf> ;

RODRIGUES, Joana - Contributo Arqueológico Para O Conhecimento Dos Aquedutos De São Miguel (Açores), Lisboa, 2010. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/29486> ;

Serviço Regional de Estatística dos Açores (SREA) – Resultados Definitivos dos Censos de 2021, disponíveis em:

https://srea.azores.gov.pt/Conteudos/Relatorios/lista_relatorios.aspx?idc=1115&idsc=2723&lang_id=1 ;

WEBSTER, John White – A description of the Island of the St. Michael, comprising an account of its geogical structure : with remarks on the other Azores or Western Islands. Boston: R. P. & c. Williams, 1821. Disponível em: <https://purl.pt/23640> .

Anexos

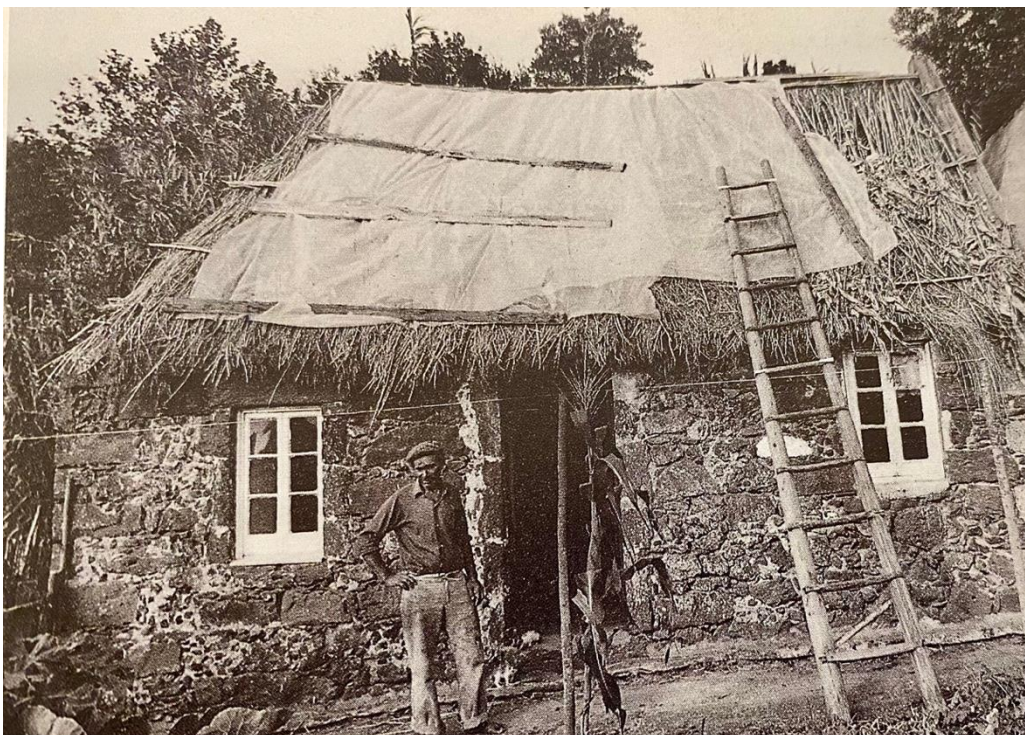


Figura 15: Casa com cobertura de palha, Candelária, São Miguel. Fonte: CALDAS, 2007: 127.



Figura 16: Casa com as águas paralelas à fachada, Sete Cidades, São Miguel. Fonte: CALDAS, 2007: 128.



Figura 17: Casa de empena-fachada, Sete Cidades, São Miguel. Fonte: CALDAS, 2007: 131.

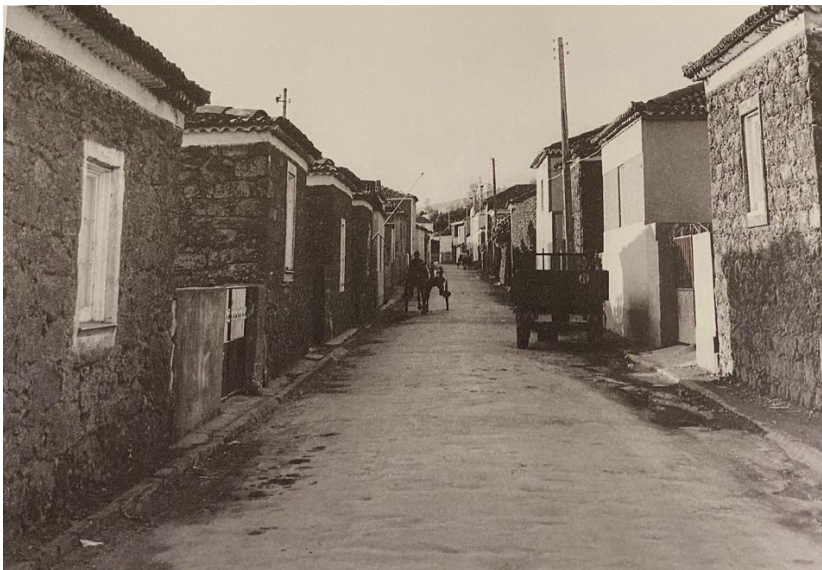


Figura 18: As casas mais comuns na zona central de São Miguel: o caso dos Arrifes. Fonte: CALDAS, 2007: 140.



Figura 19: Casa com cozinha dissociada, Nordeste, São Miguel. Fonte: CALDAS, 2007: 145.



Figura 20: Casa integrada dobrada, Achada, São Miguel. Fonte: CALDAS, 2007: 150.



Figura 21: Casa com passagem em arco, Santo António Nordestinho, São Miguel. Fonte: CALDAS 2007: 148.

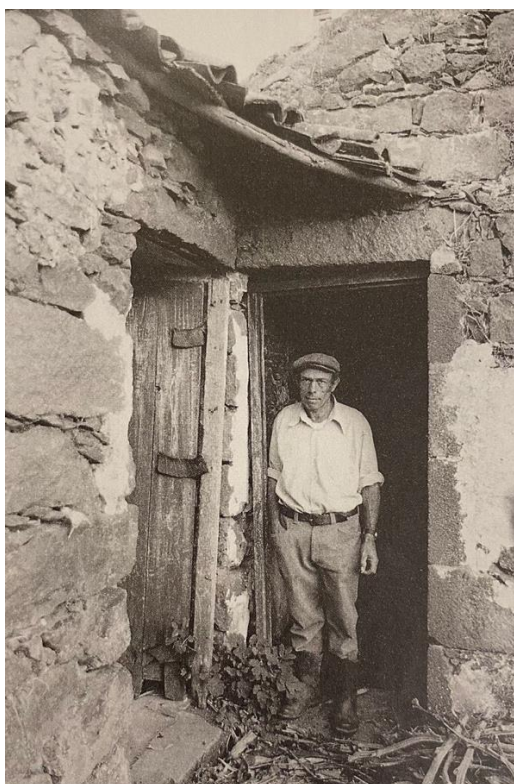


Figura 22: Casa com alpendre, Água Retorta, São Miguel. Fonte: CALDAS, 2007: 147.



Figura 23: Casa com pátio, Lomba da Pedreira, São Miguel. Fonte: CALDAS, 2007: 146.



Figura 24: Casa Saloia de Santa Maria, Almagreira, Santa Maria. Fonte: CALDAS, 2007: 55.



Figura 25: Casa típica de Santa Maria. Fonte: Google Imagens.



Figura 26: Chaminé de mãos postas, Agualva, Terceira. Fonte: CALDAS, 2007: 219.



Figura 27: Casa Linear, São Brás, Terceira. Fonte: CALDAS, 2007: 226.



Figura 28: Casa integrada, Serreta, Terceira. Fonte: CALDAS, 2007: 234.



Figura 29: Casa linear geminada, Dolres, Graciosa. Fonte: CALDAS, 2007: 290.



Figura 30: Casa linear com dois pisos, Castelo Branco, Faial. Fonte: CALDAS, 2007: 452.



Figura 31: Casa linear com falsa, Feteira, Faial. Fonte: CALDAS, 2007: 451.



Figura 32: Casa com cozinha separada, Silveira, Pico. Fonte: CALDAS, 2007: 388.



Figura 33: Casa com a cozinha ligada por meia-água, Prainha de Cima, Pico. Fonte: CALDAS, 2007: 390.

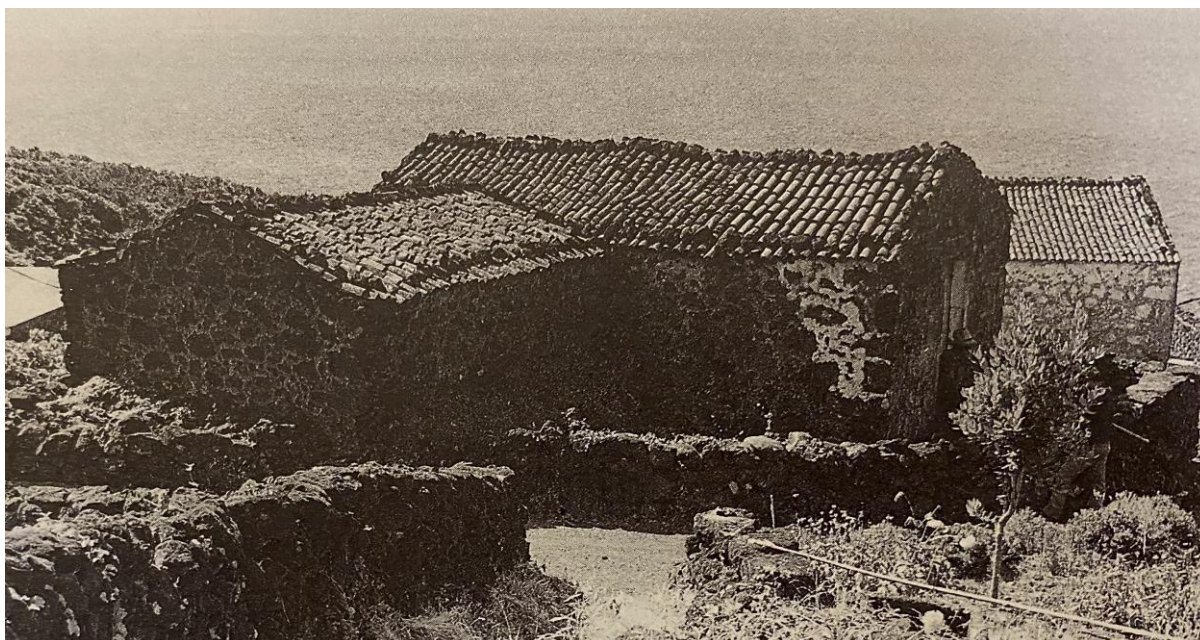


Figura 34: Casa com a cozinha encostada, em "L", Terra do Pão, Pico. Fonte: CALDAS, 2007: 392.



Figura 35: Casa linear picarota, Santa Luzia, Pico. Fonte: CALDAS, 2007: 394.



Figura 36: Casa com cozinha sobrelevada, São João, Pico. Fonte: CALDAS, 2007: 396.



Figura 37: Cafua na Fajã do Mero, São Jorge. Fonte: MARQUES, 2013: 31.



Figura 38: Chalet na Urzelina, São Jorge. Fonte: CALDAS, 2007: 348.



Figura 39: Casa com cozinha alteada. Queimada, São Jorge. Fonte: CALDAS,2007: 339.



Figura 40: Casa de planta complexa, Fajãzinha, Flores. Fonte: CALDAS,2007: 512.



Figura 41: Casa com meia-água, Lajes, Flores. Fonte: CALDAS,2007: 508.

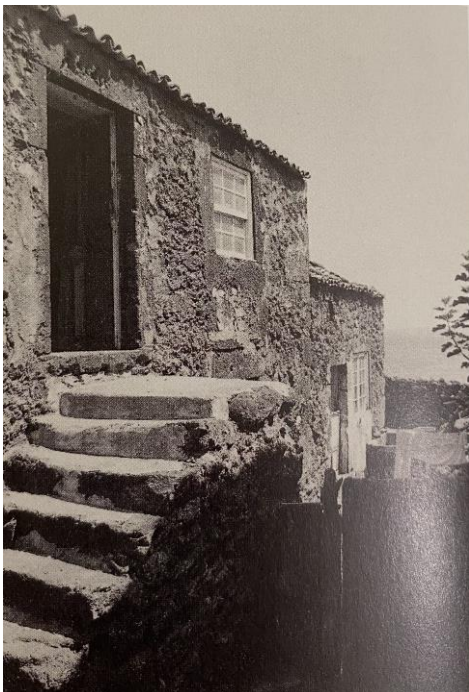


Figura 42: Casa com cozinha encostada, Corvo. CALDAS,2007: 532.



Figura 43: Casa com construção sobre a cozinha, Corvo. Fonte: CALDAS, 2007: 536.



Figura 44: “Chalé” localizado na margem da Lagoa das Furnas. Note-se, apesar da diferença decorativa para com outros tipos de habitação, uma mistura entre a casa linear com planta em “L” e as influências europeias presentes no “chalé”. Fonte: Google Imagens



Figura 45: Rua da Água Quente, Furnas. Note-se a sucessão das diversas tipologias. Fonte: Google Earth.

À esquerda: sucessão de casas de duas tipologias diferentes: integrada, de águas paralelas à fachada, que segue o modelo janela-porta-janela, seguida de uma casa complexa de dois andares, também com as águas paralelas à fachada. Ao fundo: Sucessão de casas complexas do tipo empena-fachada. À direita: duas casas integradas com a presença de balcão.



Figura 46: Rua da Água Quente, Furnas. Casa "achalezada". Fonte: Google Earth

Note-se, novamente, a sucessão tipológica na mesma rua, destacando-se a casa “achalezada” à direita.



Figura 47: Novo exemplo de casa "achalezada", desta vez em empena-fachada. Furnas. Fonte: Google Earth



Figura 48: Casa "achalezada" de dois andares com pátio e terraço sobrelevado, Furnas. Fonte: Google Earth.



Figura 49: Casa "achalezada" de águas paralelas à fachada janela-porta-janela, Furnas. Fonte: Google Earth.



Figura 50: Sucessão de casas complexas de dois andares junto ao Parque Terra Nostra, Furnas.

Fonte: Google Earth.



Figura 51: Casas integradas dobradas, com quintal e árvores, à semelhança dos agregados rurais iniciais, Furnas. Fonte: Google Earth.



Figura 52: Casa Integrada dobrada, em pior estado de conservação, Furnas. Fonte: Google Earth.